

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS  
MESTRADO EM GESTÃO EMPRESARIAL

**DANUSA SANTOS DE VASCONCELLOS MARTHA**

**SOCIALIZAÇÃO ANTIRRACISTA E CONSUMO: UMA  
ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DOS PAIS DE CRIANÇAS  
NEGRAS**

**Orientador (a):**  
PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARISOL RODRIGUEZ GOIA

Rio de Janeiro

2021

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS

**DANUSA SANTOS DE VASCONCELLOS MARTHA**

**SOCIALIZAÇÃO ANTIRRACISTA E CONSUMO: UMA ANÁLISE SOB A  
PERSPECTIVA DOS PAIS DE CRIANÇAS NEGRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado em Gestão Empresarial da Escola  
Brasileira de Administração Pública e de  
Empresas da Fundação Getúlio Vargas como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em Administração.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marisol Rodriguez  
Goia

Rio de Janeiro

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/FGV

Martha, Danusa Santos de Vasconcellos

Socialização antirracista e consumo : uma análise sob a perspectiva dos pais de crianças negras / Danusa Santos de Vasconcellos Martha– 2021. 59 f.

Dissertação (mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa.

Orientadora: Marisol Rodriguez Goia.

Inclui bibliografia.

1. Socialização. 2. Consumo (Economia) – Aspectos sociais. 3. Crianças negras – Brasil – Identidade racial. 4. Antirracismo. I. Goia, Marisol Rodriguez. II. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa. III. Título.

CDD – 303.32

**DANILISA SANTOS DE VASCONCELLOS MARTHA**

**"SOCIALIZAÇÃO ANTIRRACISTA E CONSUMO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA  
DOS PAIS DE CRIANÇAS NEGRA".**

Dissertação apresentado(a) ao Curso de Mestrado Profissional Executivo em Gestão Empresarial do(a)  
Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas para obtenção do grau de Mestre(a) em  
Administração.

Data da defesa: 20/05/2021

**ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA**

**Presidente da Comissão Examinadora: Prof<sup>o</sup>/a Marisol Rodríguez Gola**

**Marisol Rodríguez Gola**  
Orientador(a)

**Alexandre de Almeida Faria**  
Membro Interno

**Letícia Moreira Casotti**  
Membro Externo

Nos termos da Lei nº 9.876 de 1999/2009 - DOU nº 27 de 07/02/2009 e Portaria MEC nº 844 de 18/09/2009 - DOU nº 194 de 17/09/2009 que dispõem sobre o momento temporário das atividades acadêmicas promovidas e a utilização de recursos tecnológicos face ao COVID-19, as apresentações dos debates de Tese e Dissertação, de forma excepcional, serão realizadas de forma remota e síncrona, incluindo-se nessa modalidade membros da banca e público.

---

**Fátima Cavallini de Vasconcellos**  
Diretor

---

**Artur de Azeiteiro Freitas Junior**  
Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e Pós-Graduação PEP

**Instrução Normativa nº 01/19, de 03/07/19 - Pró-Reitoria PEP**

Em caso de participação de Membro(s) da Banca Examinadora de forma não-presencial<sup>1</sup>, o Presidente da Comissão Examinadora assinará o documento como representante legal, delegado por este I.N.

<sup>1</sup>Síncrona, Videconferência, App de vídeo etc

D4Sign: 80048271-8438-4486-8236-777783.92084 - Para confirmar as assinaturas acesse <https://docs.d4sign.com.br/verificar>  
Documento assinado eletronicamente, conforme MP 2.200-2/2011, Art. 1ºº, II.

À minha filha Stela, por me inspirar todos os dias  
a ser melhor e relevante nesse tempo.  
À minha avó Ercília, mulher de fibra e amor.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, “pois Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre!”  
(Romanos 11:36)

Ao meu esposo Júnior, por todo amor, parceria, apoio e carinho nessa jornada.

À minha filha Stela, que mesmo tão pequena, foi compreensiva nas minhas ausências e momentos de exaustão.

À minha mãe, por todo sacrifício e renúncias para que eu chegasse até aqui.

À minha família, pelo encorajamento e orgulho que sentem de mim.

Ao Professor Roberto Pimenta, pelo incentivo e oportunidade de realizar um sonho.

À minha orientadora, Professora Marisol Rodriguez Goia, pelo despertamento, zelo e profissionalismo.

Aos colegas da FGV EBAPE, que vibraram com a minha conquista.

## RESUMO

**Objetivo** – Este trabalho tem como objetivo contribuir para o debate sobre a chamada socialização do consumidor por meio da análise de atitudes e visões antirracistas empregadas por pais de crianças negras no processo de socialização de seus filhos. Dá-se uma ênfase ao modo como esse tipo de socialização emancipatória se expressa na relação com mercados, serviços e produtos.

**Metodologia** – Realizou-se uma pesquisa de estratégia metodológica qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas, facilitadas via Zoom, com a utilização de um roteiro semiestruturado, com pais de crianças negras membros dos grupos de plataformas de mídias digitais do Coletivo Pais Pretos Presentes. O tratamento dos dados foi realizado por meio da técnica de análise de conteúdo e categorizados de duas formas: Perfis e Trajetórias, e Esforço Emancipatório Antirracista. Este último foi subdividido em três pontos: Escola, Cultura e Negritude e Construção de Mercados.

**Resultados** – Os dados evidenciam que as vivências pessoais na juventude e, principalmente, o “evento-gatilho” do nascimento dos filhos, conduziram os pais pesquisados a assumirem uma postura antirracista ativa na criação dessas crianças, atitude esta que se desdobra na relação com o consumo e os mercados. Nesse sentido, a socialização é intencional não em direção ao consumo, mas ao disseminar o pensamento emancipatório através da inclusão de elementos, resultantes das práticas de consumo, visando tangibilizar o desenvolvimento do pensamento crítico, empoderamento e a segurança física e emocional da criança negra.

**Limitações** – O estudo limitou-se a investigar os pais no processo de socialização antirracista e seus efeitos sobre comportamentos de consumo. Entretanto, considerando a multifacetada interação de agentes nos processos de socialização, considera-se que futuras investigações sobre outras instâncias e agentes socializadores, como por exemplo, a escola ou os bens culturais podem ampliar a compreensão dos efeitos de uma socialização antirracista sobre o consumo.

**Contribuições práticas** – Em comparação com as décadas de 1980 e 90, a oferta de produtos com representatividade negra aumentou, entretanto, há limitações para acesso, tanto logístico, quanto o relacionado a preço. A pesquisa contribui como uma sinalização ao mercado, instituições e organizações para a necessidade de reflexão sobre estratégias empregadas e a resultante produção de dinâmicas de exclusão.

**Contribuições sociais** – Ao debruçar a investigação sobre um fenômeno já conceituado, pela ótica de grupos historicamente estigmatizados, a pesquisa traz voz e visibilidade à perspectiva empírica e teórica de sujeitos negros, reconhecendo sua importância na produção do conhecimento.

**Originalidade** – Esta pesquisa integra o pensamento emancipatório antirracista às abordagens dos estudos de cultura e consumo. O processo de socialização da criança negra permite ampliar os problemas das teorizações sobre a socialização do consumidor. Os dados apontam que o maior objetivo dos pais não reside em socializar seus filhos no consumo, mas através do consumo introduzir elementos que componham e facilitem uma abordagem emancipatória na construção da identidade das crianças.

**Palavras-chave:** Socialização, Consumo, Antirracismo, Decolonialidade, Agentes Socializadores.

**Categoria do artigo:** Dissertação de Mestrado.



## ABSTRACT

**Purpose** – This work aims to contribute to the debate on the so-called consumer socialization through the analysis of anti-racist attitudes and views employed by parents of black children in the process of socializing their children. Emphasis is given to the way in which this type of emancipatory socialization is expressed in the relationship with markets, services and products.

**Methodology**- A qualitative methodological strategy research was applied. Data collection was carried out through interviews, facilitated via Zoom, using a semi-structured script, with parents of black children, members of the groups of digital media platforms of the Coletivo Pais Pretos Presentes. Data processing was performed using the content analysis technique and categorized in two ways: profiles and trajectories, and emancipatory anti-racist effort. The latest topic was subdivided into three points: school, culture and blackness and construction of markets.

**Findings** – The data show that the personal experiences in youth and, mainly, the “trigger event” of the birth of children, led the surveyed parents to assume an active anti-racist stance in the creation of these children, an attitude that unfolds in the relationship with consumption and the markets. In this sense, socialization is intentional not towards consumption, but when disseminating emancipatory thinking through the inclusion of elements, resulting from consumption practices, aiming at making the development of critical thinking, empowerment, and the physical and emotional security of black children tangible.

**Research limitations** – The study was limited to investigating parents in the anti-racist socialization process and its effects on consumption behaviors. However, considering the multifaceted interaction of agents in the processes of socialization, it is considered that future investigations on other instances and socializing agents, such as, for example, the school or cultural goods, can broaden the understanding of the effects of an anti-racist socialization on consumption.

**Practical implications** – Compared to the 1980s and 90s, the supply of products with black representation increased, however, there are limitations to access, both logistically and in terms of price. The research contributes as a signal to the market, institutions and organizations for the need to reflect on strategies employed and the resulting production of exclusion dynamics.

**Social implications** – When looking at the investigation of a phenomenon already conceptualized, from the perspective of historically stigmatized groups, the research raise voice and visibility to the empirical and theoretical perspective of black individual, recognizing its importance in the production of knowledge.

**Originality** – This research integrates anti-racist emancipatory thinking with approaches to culture and consumption studies. The socialization process of the black child allows to expand the problems of the theorizations about the socialization of the consumer. The data indicate that the greatest objective of parents is not to socialize their children in consumption, but through consumption to introduce elements that compose and facilitate an emancipatory approach in the construction of children's identity.

**Keywords:** Socialization, Consumption, Anti-racism, Decoloniality, Agents of Socialization.

**Paper category:** Master's Thesis.

## **LISTA DE SIGLAS**

CCT – *Customer Culture Theory*

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PPP – Pais Pretos Presentes

USP – Universidade de São Paulo

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 – Agentes socializadores .....	19
Quadro 1 – Plataforma Digitais – Pais Pretos Presentes .....	27
Quadro 2 – Perfil dos Entrevistados .....	30

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Objetivos.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Relevância .....</b>	<b>16</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Socialização e Socialização do Consumidor .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Os agentes socializadores do consumo.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3 Socialização e Raça .....</b>	<b>23</b>
<b>2.4 A família como agente socializador e a perspectiva emancipatória.....</b>	<b>26</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 Universo e seleção de sujeitos .....</b>	<b>28</b>
<b>3.2 Coleta de dados .....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 Tratamento dos Dados .....</b>	<b>31</b>
<b>4 ANÁLISES E RESULTADOS .....</b>	<b>32</b>
<b>4.1 Perfis e trajetórias .....</b>	<b>32</b>
<b>4.2 Esforço emancipatório antirracista .....</b>	<b>40</b>
4.2.1 Escola .....	41
4.2.2 Cultura .....	43
4.2.3 Negritude e Construção de Mercados.....	49
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro para entrevista.....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2019, a população negra no Brasil totalizava 56,2% da população, sendo 9,4% autodeclarados negros e 46,8% pardos. Sob lentes econômicas e de mercado, a população negra no Brasil movimentou, em 2017, mais de R\$ 1,6 trilhão (Instituto Locomotiva, 2017). No que se refere, contudo, a estudos de comportamento de consumo, pesquisadores e organizações ainda se debruçam timidamente sobre os negros brasileiros enquanto consumidores (ROCHA; CASOTTI, 2017).

Por muito tempo, a perspectiva da população negra baseada em suas experiências de vida, não se vê impressa nas ofertas de produtos e serviços (STACK, 1975), tornando eminente a necessidade de buscar formas de resistir a essa invisibilidade (TELLA, 2006).

Lamont e Monár (2001) apontam que o consumo tem sido um recurso utilizado pelos negros norte-americanos como forma de expressar e transformar sua identidade coletiva e a adquirir um lugar social. Na pesquisa conduzida por esses autores com profissionais de Marketing negros especialistas no mercado afro-americano, os entrevistados afirmaram que os negros norte-americanos recorrem ao consumo para dar “significância a suas identidades, reivindicar igualdade, respeito, aceitação e status” (LAMONT; MONÁR, 2001, p. 36). Nesse sentido, os hábitos de consumo dos negros norte-americanos são fortemente conduzidos pelo desejo de serem reconhecidos como membros ativos da sociedade e, por conseguinte, da própria “sociedade ou cultura de consumo” (BAUMAN, 2008; BAUDRILLARD, 2009; SLATER, 2002), refutando o estereótipo de que negros se limitam a uma subclasse privada de poder de compra (LAMONT; MONÁR, 2001).

Entretanto, é preciso reconhecer que a temática de consumo e raça é capaz de evocar, segundo o nível de análise adotado, sentidos antagônicos e paradoxais para a compreensão das noções de “consumo” e “mercado”. Sob uma perspectiva global, histórica e política, o consumo pode ser lido precisamente no âmbito do ordenamento social causador de exclusão, desigualdade e marginalização, com o processo crescente de constituição das chamadas “sociedades de consumo” ou “sociedades de mercado” (COSTA; GROSFUGUEL, 2016; PAULINO, Silvia; PAULINO, Simone, 2019; CAVALLEIRO, 1999).

Contudo, esta pesquisa se permitiu abraçar os aspectos paradoxais próprios da relação entre a temática do consumo e a da socialização antirracista para ser capaz de reconhecer múltiplos sentidos assumidos por essas categorias (“consumo” e “mercados”), a partir dos

sujeitos estudados. Portanto, sem desconsiderar os processos macro sociais e políticos historicamente constituintes do racismo e da exclusão, optou-se aqui por trabalhar com um nível de análise micro, isto é, buscando interpretar os sentidos que o consumo e os mercados assumem nas narrativas de um grupo específico, composto por pais de crianças negras.

Esta pesquisa estabelece diálogo com os estudos sobre a chamada socialização do consumidor, temática que, no que se refere à questão racial, carece de maior exploração teórica (EKSTRÖM, 2006; ROCHA; CASOTTI, 2017; ROCHA; SCHOTT; CASOTTI, 2016). Ao mesmo tempo, buscam-se alicerces em pensamentos emancipatórios ou decoloniais produzidos por pensadores e pesquisadores negros ou do Sul Global, tendo em vista o movimento crescente, no campo da produção acadêmica, de inclusão do pensamento fronteiriço, ou seja, “dos que estão à margem” (GONZALEZ, 2018; COSTA; GROSGOUEL, 2016; REIS; ANDRADE, 2018; CARDOSO, 2018).

Em termos práticos, esta pesquisa foi motivada pelas experiências pessoais da pesquisadora, que como mulher negra e mãe, tendo passado por diversas situações no processo de socialização de sua filha, observou a oportunidade de investigação do fenômeno da socialização relacionada ao consumo, tendo como ponto de partida a relação com os mercados sob a perspectiva racial.

Mais do que respostas a anseios pessoais, esta investigação também busca contribuir de maneira prática aos estudos de Gestão, Marketing e Consumo, considerando a necessidade de um conhecimento mais profundo da questão racial no consumo e de seus desafios, uma vez que, como bem pontuam Rocha e Casotti (2017), no Brasil, conhecemos mais o “negro produtor” de bens e serviços do que o “negro consumidor”.

Apesar da temática racial estar em voga nas discussões atuais, sejam elas midiáticas ou acadêmicas, ainda é tímida a percepção de estratégias por parte das organizações na oferta de produtos que manifestem um propósito de representatividade para crianças negras ou que as representem. Mais do que atender a uma demanda de mercado e uma oportunidade de negócio rentável, trata-se de consolidar um espaço através da ruptura de paradigmas construídos sobre os pilares da opressão, subalternização e estigma, ou como sugerem Tlostanova e Mignolo (2012), citados por Noorani (2014) “aprender a desaprender”.

Dessa forma, esse estudo revisita o conceito de socialização do consumidor, debruçando-se principalmente sobre o papel exercido por pais de crianças negras como agentes socializadores na construção da identidade racial de seus filhos. O estudo se vale do conhecimento produzido por intelectuais negros (hooks, 2013; RIBEIRO, 2018; ALMEIDA, 2020; CAVALLEIRO, 1999; CRENSHAW, 1991), que a partir de seus espaços e experiências,

com frequência revelam os processos e desafios enfrentados em seu próprio processo de socialização, evidenciando aspectos pouco abordados na literatura sobre consumo.

## **1.1 Objetivos**

Este estudo tem como principal objetivo analisar e compreender de que maneira posturas emancipatórias ligadas à socialização antirracista, empregadas por pais de crianças negras incidem sobre a relação dessas famílias com o consumo e com os mercados.

Esse objetivo se desdobra nas seguintes frentes de investigação:

- Analisar os perfis e trajetórias desses pais, buscando compreender as experiências que os conduziram a uma postura emancipatória ativa na socialização de seus filhos;
- Analisar as atitudes e as estratégias desenvolvidas por eles na relação com os mercados, com vistas a construir condições emancipatórias na criação de seus filhos.

## **1.2 Relevância**

O ambiente acadêmico global tem assistido mudanças no sentido de se requerem respostas ao silenciamento da perspectiva dos grupos historicamente subalternizados (GROSFOGUEL, 2008; PAULINO, Silvia; PAULINO, Simone, 2019). Pode-se pensar que, à medida em que tais grupos se fazem cada vez mais presentes nas instituições “guardiãs” dos “cânones” do conhecimento, passam a reconhecer que o fato de não terem o seu ponto de vista incluído na produção de conhecimento pode comprometer, significativamente, o conhecimento produzido (GONZALEZ, 2018; RIBEIRO, 2018; hooks, 2013). É nesse sentido que se revisita, aqui, a definição de conceitos e fenômenos como os de socialização do consumidor.

A relevância do estudo reside em contribuir para o campo da Administração ao destacar a importância da integração da perspectiva das experiências vivenciadas por grupos marginalizados, como os negros, no processo de conceitualização de fenômenos de mercado, estabelecendo o devido reconhecimento dela para uma compreensão mais ampla de realidades de consumo e mercado.



## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A partir desta seção desenvolve-se um percurso revisitando as noções de socialização e de socialização do consumidor observando as lacunas relacionadas ao debate da temática racial envolvido no fenômeno.

De modo geral se verá que, a despeito de teóricos da noção de socialização e de socialização do consumidor entenderem que há, de fato, forças sociais imperativas e impositivas que se colocam sobre os indivíduos via socialização, esse poder é teorizado de forma desvinculada das relações de poder situadas historicamente. Entretanto, à medida que o debate antirracista entra em cena, a noção de socialização parece se ampliar para incorporar problemáticas envolvendo dinâmicas de dominação e emancipação.

### **2.1 Socialização e Socialização do Consumidor**

O termo “socialização” foi historicamente desenvolvido em diferentes campos das Humanidades para se referir ao processo pelo qual os indivíduos aprendem a existir coletivamente. Tendo sua origem nos estudos de Sociologia, Durkheim (2011) apresenta o conceito de socialização associado ao de educação, por ser considerada uma função de aprendizado essencialmente social.

Por explorar a relação inerente entre indivíduo e sociedade (SETTON, 2011), a socialização é compreendida como um processo dinâmico, mais amplo do que a própria educação, uma vez que as diversas experiências dos indivíduos agem sobre o processo de sua construção como ser social e sobre suas realidades.

Ao definir educação e afirmar que ela é uma ação exercida por gerações adultas sobre as crianças, Durkheim (2011) cria a base para a abordagem clássica de que a família e a escola são os primeiros espaços de socialização do indivíduo.

Ao tratar sobre as novas configurações culturais no processo de socialização, Setton (2005) destaca:

Creio que fundamentalmente, a importância encontra-se nos aspectos referentes à socialização, ou seja, nas maneiras de aprendizado formal e informal, na adaptação e

na percepção que o indivíduo contemporâneo passa a ter sobre o mundo e sobre ele mesmo, deve ficar claro que essas ações educativas não se realizam apenas nos espaços institucionais tradicionais (SETTON, 2005, p. 346).

Há de considerar que a própria interiorização dos valores percebidos pelo indivíduo e as maneiras de ser do grupo em que está inserido, constroem uma identificação social (SETTON, 2005).

Sob um enfoque racial, e nesse caso referindo-se à população negra, Pereira (1987) sublinha que em sua função de construção do indivíduo dentro dos moldes esperados pela sociedade, a socialização incute, em seu processo, valores que norteiam a visão de mundo, a auto imagem e auto representação dos indivíduos. Nesse sentido, cabe acrescentar que o processo histórico é um fator importante a ser considerado nesse processo:

Há um processo histórico responsável pela fabricação da identidade, que usa como matéria-prima principal toda aquela estereotipia estigmatizadora sobre o qual já se falou, e que constitui um dos componentes de socialização do negro desde tenra idade. (PEREIRA, 1987, p. 43).

No debate de socialização e consumo foram desenvolvidos argumentos sobre o modo como os indivíduos se socializam enquanto consumidores. Tendo em vista o interesse no estudo de comportamentos do consumidor, a abordagem da pesquisa de Cultura e Consumo (*Consumer Culture Theory* - CCT) incorporou a perspectiva teórica que “trata das relações dinâmicas entre as ações dos consumidores, o mercado e os significados culturais” (CASOTTI; SUAREZ, 2016, p. 355).

A respeito das perspectivas da CCT, Casotti e Suarez (2016) afirmam:

[...] tem como preocupações centrais os significados sociais, as influências sócio-históricas e as dinâmicas sociais que moldam as experiências do consumidor e suas identidades nos mais variados contextos da vida cotidiana (CASOTTI; SUAREZ, 2016, p. 355).

Afirma-se que os estudos sobre socialização do consumo ganharam interesse em torno da década de 1970 e 80, com o foco na socialização da criança na infância e a adolescência. Tais estudos estavam voltados para o desenvolvimento de políticas públicas considerando as informações sobre os impactos das campanhas publicitárias nas crianças (EKSTRÖM, 2006; MOREIRA; CASOTTI; CAMPOS, 2018). Pioneiro do debate de socialização do consumidor, Scott Ward (1974) teve como motivação para seus estudos a preocupação norte-americana com os efeitos das ações de Marketing em crianças.

Ward (1974) afirma que o comportamento de consumo constitui uma consequência, reflexo ou resposta a posições ou situações impostas aos indivíduos pela dinâmica social. Cabe lembrar que, desde o pensamento de Émile Durkheim, o processo de socialização está associado a forças imperativas, de coerção e imposição, que se instituem sobre a aprendizagem para a vida social.

Sendo definida por Ward (1974, p.2) “como os processos em que os indivíduos adquirem competências, conhecimento e atitudes relevantes para suas funções como consumidores em suas relações com o mercado”, a socialização do consumidor teve seu conceito restrito aos seguintes aspectos: a) foco na infância, apesar de reconhecer que o processo acontece ao longo da vida; b) argumentos limitados às transações de mercado; c) necessidade de diferenciar as habilidades, conhecimentos e atitudes que são direta ou indiretamente relevantes ao comportamento de consumo.

Apesar de afirmar que o processo de socialização se estende ao longo da vida do indivíduo, Ward (1974) centrou seu estudo na infância em função da crença de que as experiências vividas nesse período de desenvolvimento seriam de primordial importância na formação de padrões cognitivos e de comportamentos na vida posteriormente. Sua ênfase na infância deu destaque a essa etapa da vida nas pesquisas posteriores sobre o assunto no campo do Marketing (EKSTRÖM, 2006; MOREIRA; CASOTTI; CAMPOS, 2018). Moschis (1985) endossa esse pensamento ao afirmar que é no contexto familiar, ainda na infância, que acontece a maior influência na socialização do consumidor. Hota e Bartsch (2019) atentam para o fato de que valores de consumo assimilados pelas crianças variam segundo as diferentes estruturas familiares, enfatizando a importância de como esses valores são transmitidos pelas famílias.

Em desdobramentos teóricos sobre o assunto, Ekström (2006) sugeriu a ampliação do escopo de estudos da socialização do consumidor para que seja considerada a socialização ao longo da vida, os diferentes eventos da vida e esferas de consumo, diálogos, negociações, bem como o contexto sociocultural em que a socialização ocorre. A autora destaca que para capturar

a complexidade do fenômeno é preciso repensar as teorias e incentiva o uso de teorias socioculturais e estudos interdisciplinares (EKSTRÖM, 2006).

Assim, à luz da tradição de estudos da CCT, a investigação da socialização do consumidor se voltou para os processos de aprendizado resultantes das interações sociais na cultura, com poder de influência sobre práticas e atitudes de consumo, permitindo, também a observação das transformações que ocorrem a partir desses processos com novos impactos sobre comportamentos de consumo (CASOTTI; SUAREZ, 2016; ARNOULD, 2005; VERA; GOSLING; SHIGAKI, 2019; MOREIRA; CASOTTI; CAMPOS, 2018).

Pode-se notar, ao observar o debate sobre socialização no campo de estudos de consumo e cultura, que as variáveis de análise centrais foram colocadas sobre as dimensões de idade e ciclos de vida. Assim, entende-se que a infância e a vida adulta receberam um olhar “universalizante”, com pouca atenção sobre as variações operadas pela dimensão racial na socialização de consumidores, inclusive em seus diferentes ciclos de vida.

Não se pode dizer, contudo, que a questão racial esteja completamente ausente dos debates sobre a aprendizagem para o comportamento de consumo. Essa preocupação é indicada, inclusive por Ekström (2006) como lacuna teórica a ser preenchida e aparece trabalhada por Rocha e Casotti (2017; 2018), Rocha, Schott e Casotti (2016).

Na pesquisa de Rocha, Schott e Casotti (2016), cujo enfoque é o processo de socialização das mulheres negras brasileiras em relação ao consumo de produtos e serviços capilares, algumas mulheres relataram que anular seus traços físicos, no caso, por meio do alisamento do cabelo, era o aceitável para a época em que eram crianças ou jovens:

Eu pensei que alisar o cabelo era normal, porque meu cabelo tinha que parecer igual ao de uma garota branca. (Claudia, 57 anos)

Aqui [no Brasil], você é incentivado a alisar seus cabelos; mas no exterior, as pessoas são encorajadas a não endireitá-lo e manter sua identidade. (Flávia, 50 anos)

[...] todo mundo, da minha cor ou não, mas que tem cabelo encaracolado, alisaria o cabelo; então eu não queria me sentir diferente do grupo. (Maria, 42 anos)

Nas práticas de mercado as mulheres negras aprendem sobre um padrão de beleza que difere de seus traços naturais. Dessa forma, o processo de alisamento, como Rocha e Casotti (2018, p.624) afirmam parece “atrapalhar ou mesmo desconstruir a identidade desse grupo de mulheres”, permitindo o entendimento de que muitas mulheres podem estar sendo conduzidas

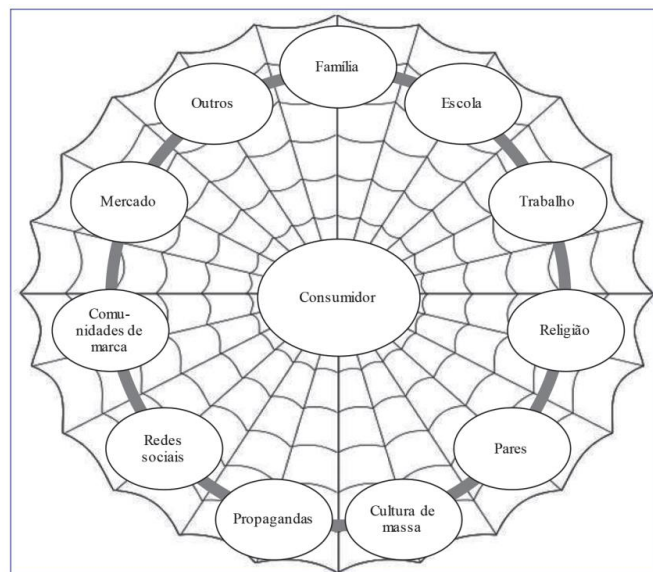
a um caminho contrário ao de construção de identidade ligada ao consumo (ROCHA; CASOTTI, 2018).

## 2.2 Os agentes socializadores do consumo

Na análise CCT dos processos de socialização, as instâncias onde ocorrem as interações sociais são chamadas de “agentes socializadores”. Inicialmente, os agentes socializadores foram associados à família, escola e trabalho, mas passaram a se referir também à religião, pares, cultura de massa, propagandas, redes sociais, comunidades de marca e mercado (EKSTRÖM, 2006; ROCHA; SCHOTT; CASOTTI, 2018).

A figura abaixo apresenta os principais agentes em uma “teia de influência em termos de comportamentos, capacidades e disposições de consumo” esquematizados por Moreira, Casotti e Campos (2018):

Figura 1 – Agentes socializadores



Fonte: Moreira, Casotti e Campos (2018)

A maioria das pesquisas sobre a socialização do consumidor concentraram seu foco na família como principal agente socializador (CARLSON; GROOSSBART, 1988; JOHN, 1999; MOSCHIS; MOORE, 1979). É a família que Epp e Price (2008) afirmam ser o lugar central das experiências de consumo. O processo de interação vivido no seio familiar e, principalmente, a forma de comunicação ali estabelecida exerceriam grande importância para a socialização do consumidor, pois impactam na aquisição de informações, crenças e valores relacionados ao consumo das crianças (MOSCHIS, 1985).

Epp e Price (2008) discutem a construção da identidade familiar como aspecto relevante para o entendimento de como as famílias desenvolvem suas atividades de consumo. Bennet, Wolin e McAvity (1988), explicam a identidade familiar:

É senso subjetivo da família, de sua própria continuidade ao longo do tempo, sua situação atual e seu caráter, atuando como a soma de qualidades e atributos que a tornam específica e que a diferenciam de outras famílias. (BENNET; WOLIN; MCAVITY, 1988, p. 212)

Epp e Price (2008) acrescentam que as pesquisas sobre consumo nas famílias negligenciam a interação complexa da identidade individual, relacional e coletiva, o que afeta nas decisões coletivas. Os autores declaram que a identidade de uma família pode divergir das identidades individuais e relacionais de seus membros, porque os discursos e práticas do coletivo que constituem essas identidades podem ser distintos.

Contudo, mais especificamente tratando-se da socialização parental, Baumrind (1980, p. 640) define que esse é um “processo conduzido pelos adultos em que o desenvolvimento das crianças é feito por meio de *insights* e imitação de hábitos e valores congruentes com seus hábitos”. Por meio de seus rituais, crenças, símbolos e transferências geracionais a identidade familiar é construída e remodelada em seus três componentes: a estrutura, orientação geracional e caráter, conforme Epp e Price (2008).

A estrutura trata dos limites da família, definindo quem pertence e quem não pertence. A orientação geracional releva o aspecto reflexivo sobre a preservação da identidade familiar de geração em geração, mas também o vínculo com as gerações passadas e futuras que podem se conectar por meio de rituais de consumo. O caráter trata das características cotidianas da família, como traços compartilhados, valores atividades e comportamentos de consumo (EPP; PRICE, 2008).

Uma vez que o processo de construção da identidade do indivíduo ocorreria simultaneamente e como resultado da construção da identidade familiar, as formas de comunicação interativa baseiam-se em símbolos de consumo para construção e gerenciamento de identidades relacionais e processos de representação (ARNOULD; THOMPSON, 2005).

A partir dos símbolos de consumo seriam criadas memórias e uma ligação com um o senso de passado (CURASI; PRICE; ARNOULD, 2004) expressando os valores materiais de seus proprietários (RICHINS, 1994), definindo a associação ao grupo (BELK, 1988), oferecendo uma forma de integrar e de se diferenciar um dos outros (WALLENDORF; ARNOULD, 1988) e retratando por meio da comunicação diferentes aspectos da identidade (KLEINE, R.; KLEINE, S; ALLEN, 1995).

Nesse sentido, com base na ideia de que produtos, serviços e marcas agem como recursos para alcançar as metas de identidade relacional e familiar (EPP; PRICE, 2008), a compreensão do contexto sociocultural em que a família está inserida possibilita o entendimento “das nuances dos diferentes processos de socialização do consumo” (MOREIRA; CASOTTI; CAMPOS, 2018, p. 124).

Conforme apontado por Ekström (2006, p. 77) “há necessidade de mais pesquisas sobre como os processos de socialização diferem, dependendo do gênero, raça e classe e como e quando eles diferem”. Nesse sentido, a produção acadêmica de intelectuais negros releva novas interpretações teóricas de fenômenos já existentes, como a socialização do consumidor, uma vez que permite a oportunidade de “pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão” (RIBEIRO, 2018, p. 27).

### **2.3 Socialização e Raça**

Tendo como base os estudos de Berger e Luckman (2007), a socialização possibilita a “interpretação do mundo, por meio das experiências vividas, ocorrendo paulatinamente a necessária interiorização das regras afirmadas pela sociedade” (CAVALLEIRO, 1999). Nesse sentido, incorporar as experiências vividas e compartilhadas por intelectuais negros contribui para a melhor compreensão do processo de socialização da criança negra enquanto resultado de uma interpretação e vivência de seu papel social. Cabe ressaltar, que ainda que família e escola sejam os principais agentes socializadores (DURKHEIM, 2011), nem todas as atitudes e

comportamentos sociais do indivíduo serão cópias fieis de seus mediadores, relevando a face ativa do ser socializado (CAVALLEIRO, 1999).

Tendo explicitado a compreensão de socialização anteriormente, cabe brevemente considerar a noção de raça, que Almeida (2020) considera haver uma controvérsia etimológica sobre o termo. De forma geral, o autor expõe que o termo raça sempre esteve ligado a classificações, primeiro entre plantas e animais. Para distinção entre os seres humanos, o termo foi utilizado posteriormente, em meados do século XVI, como um fenômeno da modernidade, sempre sendo associado a poder e decisão, quando situado nas circunstâncias históricas em que é utilizado (ALMEIDA, 2020).

Os intelectuais negros, ao produzirem conhecimento, não por acaso, dão visibilidade às suas experiências de vida e recuperam os processos de socialização que marcaram suas trajetórias. Mesmo sem utilizar a noção específica de socialização, por meio dessas narrativas pode-se lançar um olhar mais aguçado sobre o que trazem, especificamente, a respeito de relações e práticas estabelecidas com produtos e serviços, mediadas por mercados.

bell hooks (2013), intelectual negra norte-americana, autora de mais de trinta livros, tem seus principais estudos dirigidos à questão de raça, gênero, educação e história. Em sua obra *Aprendendo a Transgredir*, a autora narra um pouco de sua trajetória no Ensino Fundamental. Enquanto aluna de uma escola frequentada somente por negros, ela define a instituição como lugar onde poderia se “reinventar através das ideias” (hooks, 2013, p. 11). Nessa escola, a autora relata que os professores eram intencionais e praticavam “uma pedagogia fundamentalmente anticolonial” (hooks, 2013, p. 11).

Entretanto, ao ser integrada a uma escola mista, que ela chama de branca, hooks (2013), compartilha:

Quando entramos em escolas brancas, racistas e dessegregadas, deixamos para trás um mundo onde os professores acreditavam que precisavam de um compromisso político para educar corretamente crianças negras. De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçavam estereótipos racistas. [...] A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todos momentos pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender. (hooks, 2013, p. 12)

O sentimento de não pertencimento ao ambiente escolar vivenciado por hooks (2013) ainda na fase da infância, a acompanhou na fase adulta, onde no Ensino Superior o padrão aceitável de comportamento e jornada intelectual era branco, como ela relata:



Naquela época, os alunos oriundos de grupos marginais, que tinham permissão para entrar em faculdades prestigiadas e predominantemente brancas, eram levados a sentir que não estavam lá para aprender, mas para provar que eram iguais aos brancos. Estávamos lá para provar isso, mostrando o quanto éramos capazes de nos tornar clones de nossos colegas. (hooks, 2013, p.14)

Djamila Ribeiro, filósofa, escritora e acadêmica brasileira, afirma que sua experiência de vida fora marcada “pelo incômodo de uma incompreensão fundamental” (Ribeiro, 2018). Ao lembrar-se das experiências vividas na escola, ela conta:

Mas todo dia eu tinha que ouvir piadas envolvendo meu cabelo e cor da minha pele. Lembro que nas aulas de história sentia a orelha queimar com aquela narrativa que reduzia os negros à escravidão [...]. Quando aparecia a figura de uma mulher escravizada na cartilha ou no livro, sabia que viriam comentários como “olha a mãe da Djamila aí”. (RIBEIRO, 2018, p. 8)

Uma chave importante nesse processo de compreensão do ser social e a assimilação em seu contexto é a atuação da família na leitura sobre a condição racial em que o indivíduo está inserido. Em seu núcleo familiar, mesmo com todos os episódios, que a escritora descreve como sofrimento, Ribeiro (2018) foi incentivada a sentir orgulho de suas raízes. Entretanto, a busca por aceitação não diminuiu sua insistência em alisar os cabelos, até que o pai, que mais reforçava a beleza de seu cabelo crespo, foi convencido. Ela descreve como era, o que em suas palavras ela chama de um “ritual de tortura”:

[...] ela acendia a boca do fogão, deixava o pente de ferro ali até ficar pelando e passava nos fios. Aquilo era comum, mas inúmeras vezes o cabelo queimava: você sentia o cheiro e via os fios se desfazendo. (RIBEIRO, 2018, p. 14).

No duo socialização e raça, assim como em todo processo socializador, cabe destacar a importância do papel desempenhado pela família, que aliada a outros agentes socializadores, influenciam os comportamentos, como afirma Gomes (1990):

[...] imperiosidade de analisar os três ângulos da questão: o mundo social imediato a ser interiorizado pela criança; a família que, além de ser mediadora, tem

especificidades que a distinguem de qualquer outra; a criança que, sujeito da aprendizagem social, interiorizará o mundo mediado a partir de suas próprias idiossincrasias e de maneira singular e solitária (GOMES, 1990, p. 59).

Com foco na família, o processo de socialização da criança, implica em conhecer, através das atitudes de pais e familiares, as regras e normas que a possibilitarão ser introduzida na sociedade (CAVALLEIRO, 1999). Dessa forma, avançaremos a partir do próximo ponto, a reflexão sobre o desempenhar desse papel de agente socializador para o consumo, aliada a perspectiva das questões raciais emancipatórias.

O processo de aquisição de competências, habilidades e atitudes que definem o conceito de “socialização do consumidor” (WARD, 1974) apresenta desafios bem específicos quando debruçamos a observação para a temática racial, especialmente em países com histórico de colonização de exploração, apoiada em trabalho escravo africano, como é o caso do Brasil. Nesse processo, observa-se a necessidade de uma interpretação mais profunda, uma vez que os padrões até então impostos, se contrapõem à realidade do indivíduo negro. Como afirma Cavalleiro (1999), na sociedade brasileira, a visão de preconceito, historicamente construída do negro, tende por estruturar, durante o processo de socialização, uma identidade tendo por base uma precariedade de referência satisfatória e modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negros, que nas palavras de Lélia Gonzalez (2018, p. 36), esse estereótipo é de “passividade, infantilidade, incapacidade intelectual” entre outros.

## **2.4 A família como agente socializador e a perspectiva emancipatória**

Tratando-se de famílias negras, a busca por epistemologias antirracistas e a produção ancorada nos “saberes situados” (HARAWAY, 2009) de negros e negras, tem permitido revisitar o processo de conceituação de vários fenômenos. Ao considerar que a concepção do conhecimento é produto de um contexto e que reflete um ponto de vista social particular, Cardoso (2018), ao citar Alcoff (2016, p.136), ratifica o entendimento de que “experiências em diferentes localizações são distintas e que a localização importa para o conhecimento”.

Ao incluir a perspectiva da análise dos fenômenos por outras lentes (RIBEIRO, 2018), no caso, a questão de raça, observa-se uma grande lacuna identitária: seja no próprio reconhecimento do indivíduo negro como parte da concepção do conhecimento, seja na

manifestação de sua identidade nas formas de consumo. Pode-se pensar assim, que agentes socializadores, ao tratar especificamente do processo de socialização da criança negra e a construção de sua identidade, assumem um papel mais holístico que o de disseminador de práticas e conteúdo em relação a mercado e consumo, uma vez que precisam buscar elementos que supram o vácuo identitário.

O processo de observância crítica e de ampliação das discussões sobre os padrões do mercado é capaz de conceber a ideia de emancipação, ou decolonialidade, necessária para que esse indivíduo, enquanto ser social e consumidor, reivindique a inclusão de sua perspectiva, abrindo espaços que deem voz à sua identidade, trazendo um novo simbolismo ao consumo.

Ao tratar de pensamento decolonial, Reis e Andrade (2018) explicam:

O pensamento decolonial objetiva problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando emancipação absoluta de todos os tipos de opressão e dominação, ao articular interdisciplinarmente, cultura, política e economia de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial (REIS; ANDRARE, 2018, p.3)

Costa e Grosfoguel (2016) sintetizam a prática decolonialidade como a de oposição e intervenção. Cardoso (2018) ao elucidar sobre a postura emancipatória da intelectual negra e ativista brasileira feminista e antirracista Lélia Gonzalez, afirma que seu objetivo principal era intervir e transformar a realidade a partir de sua compreensão. E é nesse contexto que essa pesquisa investiga o fenômeno socialização do consumidor a partir da perspectiva das famílias de crianças negras.

### 3 METODOLOGIA

A partir das questões levantadas no debate teórico, realizou-se uma pesquisa de estratégia metodológica qualitativa, uma vez que esse tipo de pesquisa busca a construção de significados extraídos por meio da compreensão das experiências vividas, que consequentemente refletem as normas históricas e sociais vivenciadas pelos indivíduos e suas interações sociais (CRESWELL, 2007).

Tendo como arcabouço o fenômeno da socialização do consumidor e a investigação sobre a manifestação da postura emancipatória dos pais como agentes socializadores, a pesquisa qualitativa possibilita o estudo do fenômeno que envolve os indivíduos e suas relações sociais, permitindo que ele seja compreendido no contexto em que ocorre e ser analisado de maneira integrada com as outras relações que estabelece com seu meio (GODOY, 1995).

Mais relevante que a representatividade numérica, a pesquisa qualitativa, segundo Goldenberg (2011), visa o aprofundamento da compreensão de um grupo social, desenvolvendo a partir da coleta de dados, identificação do desenvolvimento de padrões compartilhados de comportamento (CRESWELL, 2007).

#### 3.1 Universo e seleção de sujeitos

Tendo como finalidade investigar como a postura emancipatória dos agentes socializadores se materializa em bens e itens de consumo, a pesquisa tomou como universo pais de crianças negras, sendo eles mesmos negros ou não, que atuam ativamente na socialização de seus filhos por meio de uma postura emancipatória diante do racismo.

Reconhecendo a subjetividade desse tipo de categorização, convém explicitar que para essa pesquisa considerou-se como atuação ativa dos pais o fato de afirmarem estar engajados em ações e debates cujo objetivo principal é a perspectiva da socialização emancipatória e antirracista de seus filhos.

Para a seleção de sujeitos para essa pesquisa, foi selecionado o perfil Pais Pretos Presentes (PPP), no *Instagram*, uma vez que segundo Creswell (2007) a intencionalidade de seleção contribui para que o pesquisador possa tratar a questão de pesquisa.

O perfil Pais Pretos Presentes denomina-se como um “coletivo de apoio, acolhimento, discussão e reflexão sobre as questões dos pais e mães pretas e seus desafios” (PAIS PRETOS PRESENTES, 2021). Iniciado em 2018 por Humberto Baltar, o coletivo formou-se pela inquietação de seu fundador, que ao saber que se tornaria pai, percebeu a necessidade de empoderar racialmente seu filho e prepará-lo para a realidade racista do Brasil.

Com mais de 43 mil seguidores no perfil de sua conta no *Instagram*, o coletivo está presente em outras plataformas digitais. Além do *Instagram*, para disseminação de informações, cursos, divulgação de eventos e até mesmo como recurso de comunicação para apoio e assistência, o coletivo utiliza-se de outras plataformas de mídia social, tais quais o *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, *Spotify*, *YouTube* e o *Telegram*. Especificamente no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, o coletivo abriu grupo específicos para discussões mais direcionadas, como mostra o quadro abaixo que apresenta os perfis e as plataformas em que o coletivo está presente, com o respectivo número<sup>1</sup> de membros ou seguidores nessas plataformas:

Quadro 1 –Plataformas Digitais – Pais Pretos Presentes

Plataforma	Perfil/Grupo	Número de Seguidores/Membros
Whatsapp	Pais Pretos	204
Whatsapp	Mães Pretas	253
Whatsapp	Mães Pretas: Saúde de Bem estar	67
Whatsapp	Mães pretas: Publicações	62
Whatsapp	Mães e Pais Pretos	252
Whatsapp	Mães e Pais Branco	78
Facebook	Pais Pretos Presentes	30 mil
Facebook	Pais Pretos Presentes – grupo	25 mil
Instagram	Pais Pretos Presentes	43,1 mil
Twitter	Pais Pretos Presentes	4 mil seguidores
Telegram	Grupo de Estudos	611
You Tube	Pais Pretos Presentes	845
Spotify	Pais Pretos Presentes	Não disponível

Fonte: Elaborado pela autora

Com alcance de mais de 90 mil famílias pretas através das plataformas, o coletivo possui diversas frentes de atuação, onde as famílias encontram e produzem escuta ativa, afeto,

<sup>1</sup> Dados disponibilizados pelo fundador do Coletivo Pais Pretos Presentes em 17/01/2021.

assistência jurídica, encaminhamento psicológico, assessoria pedagógica para formação de seus filhos e auxílio financeiro emergencial para famílias em situação de vulnerabilidade.

Suas principais frentes são:

- Aquilombamento;
- Letramento racial;
- Representatividade;
- Educação parental afro perspectivada;
- Consultoria Ético-racial;
- Apoio psicológico para mães pretas.

Além das frentes supracitadas, em 2020 o coletivo realizou os eventos online, como a Roda de Conversa com os temas Violência contra a mulher e O papel da mulher preta na atualidade, o Seminário de Empreendedorismo Feminino, o 1º Congresso Pais Pretos Presentes e 1ª Congresso Mães Pretas Presentes.

Sendo assim, a partir do Coletivo e sua rede de comunicação, foram feitos convites abertos nos grupos do *Facebook* e *Whatsapp*, onde alguns membros se voluntariaram a participar da pesquisa.

### 3.2 Coleta de dados

Como método para a coleta de dados, optou-se pela entrevista semiestruturada, que tem como objetivo obter as percepções do entrevistado a respeito de um tema proposto (Flick, 2013). Esse tipo de entrevista, possibilita ao pesquisador que novas descobertas sejam feitas, uma vez que espontaneamente podem surgir novas informações (Hair *et al*, 2005).

Por sua natureza fenomenológica, os relatos dos participantes coletados na entrevista permitem que o pesquisador identifique a essência das experiências humanas relativas ao fenômeno (Creswell, 2007). Dessa forma, as entrevistas foram conduzidas via *Zoom*, de Outubro a Novembro de 2020, sob acordo verbal de confidencialidade entre a pesquisadora e os entrevistados, resultando em 5 horas e 6 minutos de gravação.

O roteiro de entrevista proposto pela pesquisadora (Apêndice A) foi desenvolvido com base na revisão de literatura e buscou cobrir os tópicos abaixo:

- a) Estrutura social, econômica e familiar do entrevistado buscando compreender que elementos e personagens foram fundamentais na sua constituição enquanto indivíduo social com postura emancipatória;
- b) Discussão da temática racial no núcleo familiar atual permitindo conhecer de que forma os valores, princípios e símbolos são passados a diante;
- c) Experiências trazidas e vivenciadas pela criança que desafiam os pais à prática do pensamento emancipatório;
- d) Origem do engajamento e postura antirracista, buscando quais os caminhos percorridos e as “chaves” que despertaram os pais à uma postura mais ativa;
- e) Relação com o mercado e práticas de consumo buscando entender como os entrevistados utilizam o poder de compra para manifestação do pensamento antirracista e afirmação da identidade da criança negra.

### **3.3 Tratamento dos Dados**

Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo definida por Bardin (1977) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1977, p.42).

Considerando a necessidade de interpretação dos dados encontrados, Godoy (1995) afirma que esse tipo de análise possibilita que o pesquisador compreenda as “características, estruturas e/ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens” (GODOY, 1995, p.23).

## 4 ANÁLISES E RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados nas entrevistas com os pais de crianças negras. A partir da análise de conteúdo, buscou-se a categorização dos resultados a fim de tornar mais clara a compreensão sobre a manifestação emancipatória nas práticas de consumo.

Foram criadas duas categorias, que seguem elencadas abaixo:

1. Perfis e Trajetórias: informações que permitam conhecer a realidade socioeconômica e familiar em que os entrevistados foram socializados e a que se encontram atualmente, assim como, a trajetória percorrida pelos entrevistados, suas famílias de origem e núcleo familiar atual na construção da relação com a negritude;
2. Esforço emancipatório: manifestação prática do esforço emancipatório, subdividido em três tópicos: Cultura, Escola e Negritude e Construção de Mercados.

### 4.1 Perfis e trajetórias

Utilizando-se de nomes fictícios, para preservação da identidade, o quadro 2 apresenta o perfil dos entrevistados:

Quadro 2 – Perfil dos Entrevistados

Entrevistado	Raça auto declarada	Idade (anos)	Escolaridade	Ocupação	Cidade	Estado	Religião	Número de filhos	Filho fruto de relacionamento interracial?
Alan	Negra	46	Ensino Superior	Agente de Atendimento	Sorocaba	São Paulo	Evangélico	1	Sim
Érico	Negra	34	Ensino Superior	Fisioterapeuta	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Umbandista	1	Não
Hélio	Negra	27	Mestrado	Compositor Musical	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Evangélico	1	Não
Fernando	Negra	33	Pós-Graduação	Consultor de Negócios	São Paulo	São Paulo	Evangélico	2	Não
Marcelo	Negra	44	Pós-Graduação	Educador Físico	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Espírita	2	Não
Rosa	Branca	46	Ensino Superior	Desempregada	Presidente Prudente	São Paulo	Não definida	1	Sim
Gláucio	Negra	41	Pós-Graduação	Gerente de Comunicação e	Presidente Prudente	São Paulo	Budista		
Ana Maria	Branca	39	Mestrado	Programadora Cultural	São José do Rio	São Paulo	Católica	1	Sim
Elisa	Negra	37	Mestrado	Enfermeira	Guarapiranga	São Paulo	Católica	1	Não
Paula	Negra	36	Ensino Superior	Funcionária Pública	Ladário	Mato Grosso do	Cristã	2	Não
Roberto	Negra	46	Ensino Superior	Autônomo	Jundiaí	São Paulo	Evangélico	1	Sim
Rosilene	Negra	44	Pós-Graduação	Professora	São Paulo	São Paulo	Católica	1	Não

Fonte: Elaborado pela autora



Uma primeira análise do perfil dos entrevistados deve levar em conta que do grupo de doze voluntários entrevistados, dez dos participantes eram negros e dois brancos, sendo duas mulheres, e dois entrevistados participaram como um casal. A maioria dos sujeitos que se interessaram e se voluntariaram a ceder uma entrevista para a pesquisa são homens, pais. Cabe dizer que o Coletivo Pais Pretos Presentes, assim como os grupos que derivam dele, não se limita apenas à participação de negros, havendo a presença, também como membros, de pais e mães brancos. Entretanto, é preciso contextualizar a participação masculina nesta pesquisa na sua condição como membros de um coletivo cuja principal motivação de criação, revelada pelo próprio nome “Pais Pretos Presentes”, foi a busca por apoio e referências para uma “paternidade preta” mais atuante e presente. Assim, notou-se um engajamento maior por parte dos homens nos assuntos sobre a questão racial envolvendo seus filhos.

Buscando interpretar essa participação masculina com dados sobre o Brasil, de acordo com o Atlas da Violência 2020, em 2018, os homicídios foram a principal causa dos óbitos da juventude masculina (grupo etário entre 15 e 29 anos) sendo que os negros representam 75,7% das vítimas de homicídio. A abordagem violenta precoce ao homem negro e a preocupação dos pais para que seus filhos estejam preparados para lidar com essa realidade, também pode ser pensada como uma razão para um maior engajamento paterno. Fernando conta como foi sua primeira abordagem pela polícia aos treze anos:

Eu fui parado pela polícia a primeira vez eu tinha treze anos de idade. Não sabia até então como era ser parado pela polícia. A polícia apontou uma arma na minha cabeça porque eu tinha 1,80m e eles não sabiam que eu tinha treze anos de idade, mas pelo meu tamanho eles imaginaram que eu era um adulto. Me trataram como um adulto negro, não como um adulto branco. Prevendo isso, a gente vai procurar, principalmente para o meu filho, vou procurar prepará-lo para esta situação, como ele deve se portar nesse tipo de situação. Então eu tenho que preparar o meu filho, infelizmente não consigo mudar o outro lado. (Fernando)

O entrevistado Hélio, professor de música, narra o diálogo que teve com um aluno seu, branco:

[...] ele falou: “*E, como é ser você?*” Eu disse: Ser eu é ter que andar na rua vestido bem, de calça, blusa, sapato minimamente bem, para poder me comparar a você a andar de bermuda e chinelo tranquilamente na rua. Eu falei porque ele era branco, ele podia pegar um ônibus ali na zona sul de bermuda e chinelo que ninguém iria achar estranho, eu não. Se eu fizesse isso o povo iria me olhar estranho, o povo iria achar

que iria acontecer alguma coisa a qualquer momento, como segurar a bolsa por exemplo. (Hélio)

Apresentando um bom nível socioeconômico, alguns entrevistados relataram ter crescido em famílias cujos pais possuíam formação acadêmica ou profissional. Roberto, que é jornalista, é filho da segunda mulher negra formada em Enfermagem pela Universidade de São Paulo - USP. Marcelo, educador físico e que concorre ao cargo de vice-prefeito na cidade em que reside, é filho de pai engenheiro e mãe professora estadual. Alan, que é músico, é filho de pedagoga e diretora de uma escola que trabalha com crianças especiais. Fernando, que afirma ter crescido em uma família de classe média-alta, conta que sua mãe era a única negra da organização em que trabalhava.

Os entrevistados apresentaram alto nível de escolaridade, tendo todos concluído Nível Superior e alguns pós-graduados, inclusive em programas *stricto sensu*. Apesar de nem todos os entrevistados terem informado se o curso de graduação foi concluído em uma universidade da rede pública ou privada, esse perfil mais escolarizado vai ao encontro dos últimos dados do estudo “Ação Afirmativa e População Negra na Educação Superior: Acesso e Perfil Discente”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) divulgado em junho de 2020. De acordo com o documento, a maior frequência de negros no ensino superior público e privado é evidente: em 2001 eles representavam 22% desses estudantes, já em 2015 essa participação alcançou 44%.

Érico relata que no ensino superior privado, ele tinha amigos negros, muitos tendo ingressado com bolsa de projetos sociais. Já para Hélio, que cursou sua graduação em uma universidade federal, a percepção é um pouco diferente:

[...] lá eu comecei a me incomodar, eu não via praticamente nenhum negro no curso de composição musical, e na verdade, na faculdade de música como um todo. Isso falando da minha experiência na Unirio, né? [...] Então isso me incomodou muito porque no ano que eu entrei, ele foi 2012/2013, me assustou muito porque só entraram naquele ano na [área de] composição duas pessoas, eu e um outro colega. A parte da licenciatura por exemplo, entraram cento e vinte no ano inteiro. Então dá para ter uma noção dessa discrepância, e das pessoas que entraram nessa composição eu era o único negro. Eu passei uns dois, três anos, pelo menos quase quatro, quase o curso inteiro, e teve um negro na composição, no curso de composição, sabe? (Hélio)

A questão da escolaridade foi apontada como um recurso importante para que hoje esses entrevistados pudessem viver uma realidade diferente da experimentada por seus pais em

diversos sentidos e inclusive em relação ao racismo. Rosilene, cuja mãe era empregada doméstica, conta como sua mãe conduzia a questão:

Ela se preocupava muito em eu não sofrer racismo, em não sofrer preconceito e ao mesmo tempo, ela tinha, assim: “*Você não vai fazer o que eu faço*”. Principalmente comigo, então ela sempre quis que eu estudasse. Ela sempre bancou, ela sempre valorizou, ela era aquela mãe que tirava dela para que eu pudesse estudar [...]. Então, tem essa coisa da importância do estudo, o estudo não precisa se ver como forma de ganhar dinheiro, mas ver a diferença que isso faz na vida da gente. Principalmente, sendo negro. (Rosilene)

Marcelo, cuja mãe era professora e pai funcionário público também compartilha a importância dada por seus pais para que ele e seus irmãos tivessem formação acadêmica:

E uma das metas dos meus pais desde a nossa infância, era exatamente isso, todos os filhos chegassem aos bancos acadêmicos e todos se formassem. Isso aconteceu. E para uma família negra no Brasil isso é difícil, porque a gente sabe os obstáculos que se tem hoje. A gente tem consciência, pela maturidade, que a educação ela é um privilégio no país. E estrategicamente para beneficiar os netos, bisnetos e tataranetos, os senhores escravagistas que largaram, nessa larga diferença quase que oceânica de vantagens com relação à população negra, mas aos poucos a gente tá tentando equilibrar, fazendo essa equidade. (Marcelo)

Alguns entrevistados, tendo estudado em colégios particular, e até mesmo em universidades federais, relatam a experiência de, na maioria das vezes, serem os únicos negros no ambiente de ensino. Marcelo aponta:

[...] eles priorizaram a questão educacional. Então no que eles priorizaram a questão educacional, eles nos colocaram em colégios particulares. Automaticamente, no colégio quando você entra em um colégio particular tu é o único ou um dos poucos, e quando é o único ou um dos poucos, automaticamente, as manifestações racistas acontecem de uma maneira naturalizada. Porque essas crianças e esses outros alunos da escola, eles reproduzem tudo aquilo que é dito dentro da casa deles, de uma maneira onde se sentem confortáveis para fazer aquilo ali. (Marcelo)

A maioria dos pais entrevistados têm filhos em idade escolar matriculados em escolas particulares nas regiões Sudeste e Sul (8 em São Paulo, 1 no Rio de Janeiro, 2 no Rio do Sul e 1 no Mato Grosso do Sul). Esses dados evidenciam os indicadores sociais do IBGE, que

mostram que a participação na rede privada está geograficamente associada a rendimentos elevados.

Nesse sentido, o incômodo vivenciado pelos pais, se repete na história dos filhos, como Rosilene relata:

Então, ele sempre estudou em colégio particular e chegou um determinado momento que isso começou a incomodá-lo, porque ele dizia assim, que na escola dele não tinha ninguém marrom, porque as professoras chamavam ele de marrom bombom. (Rosilene)

Relevante na análise do perfil dos entrevistados é o fato de que cinco deles têm filhos que são fruto de uma relação interracial. Esse fator parece significativo especialmente ao se refletir sobre a perspectiva das mães e pais brancos, pois é necessário o desenvolvimento de compreensão e empatia pela experiência do outro para que sejam aplicados os fundamentos para a criação emancipatória para a criança. Nesse sentido, o interesse das duas mães brancas entrevistadas em aprender sobre a história afro-brasileira e os dilemas relacionados à questão racial foi notório.

No caso de Alan, sua ex-mulher (branca) teria expressado dificuldades em tratar a questão da identidade racial da filha, fazendo com que ele assumisse mais ativamente o papel de conduzir a questão com a criança:

Eu sou muito mais direcionado. Direciono essa questão dela (a filha) ter identidade, se conhecer, e gostar, e conhecer, né? Porque a mãe dela já falou que tem dificuldade, se ela perguntar alguma coisa ou se surgir alguma coisa, ela vai reagir, mas ela absolutamente não sabe fazer um trabalho. Ela fala: *“Ah eu não consigo ver diferença no trabalho de identidade”*, enfim. Ela é muito mais preocupada nesse sentido de preservar, de passar como se existisse um mundo perfeito. Eu já levanto questionamentos, né? (Alan)

Nos estudos de Moschis (2007) sobre o comportamento do consumidor, a perspectiva de vida foi integrada ao campo ampliando o entendimento de que novas demandas físicas, sociais e emocionais resultam em novas práticas e disposições como consumidor. Nessa abordagem, eventos-gatilhos (MOREIRA; CASOTTI; CAMPOS, 2018) podem gerar novas percepções de identidade, e consequentemente novos comportamentos de consumo.

Comum a todos os pais entrevistados, o principal evento que os despertou para uma postura antirracista ativa foi o nascimento dos filhos. Esse foi um marco na trajetória desses pais para a decisão de agirem intencionalmente para a construção de práticas e pensamentos emancipatórios junto a seus filhos. Entretanto, a trajetória desde a família de origem, passagem pelo mercado de trabalho e as próprias experiências racistas experimentadas, em muitos casos, os conduziu a um caminho de estudo, empoderamento e até mesmo, de empreendedorismo para traçar novos rumos para si e suas famílias.

Alan relata que foi na vida adulta que compreendeu mais claramente sobre a dinâmica racial na sociedade. No mercado de trabalho, atuando junto à gerência de diversidade em sua organização, Alan iniciou uma jornada de redescoberta de si como homem negro. Revisitando as experiências racistas pelas quais passou, Alan decidiu aprender, se informar ainda mais sobre a temática racial, até mesmo como forma de proteção contra argumentos racistas.

Alan, explica sobre o momento em que se percebeu discriminado e como isso afetou sua postura:

Teve uma época que eu namorei uma menina. Eu era jovem, acho que tinha vinte dois ou vinte e três anos. E os pais dela claramente eram racistas declaradamente e falavam para ela. Acho que foi a primeira vez que tive uma percepção de alguma coisa diretamente, né? Então a partir dessas situações você começa a aprender, a se informar até para se defender e eu passei a ter uma outra postura. (Alan)

Tendo vivenciado uma situação similar de racismo em um relacionamento interracial, Marcelo conta:

No meu primeiro relacionamento com uma menina branca, onde a primeira vez que eu fui até a casa dela como namorado, quando eu entrei na casa, a tia me perguntou e perguntou para menina gritando, né? “*Esse Negro está autorizado a entrar aqui?*” . E aquilo para mim, até hoje, é uma fala muito forte porque assim que eu entrei eu tomei essa paulada. (Marcelo)

Mesmo com tantas experiências e exemplos, os entrevistados relatam que demoram a compreender que certas situações vivenciadas são casos de preconceito e reveladoras de racismo. Por isso, muitas vezes, não reagem à situação. Alan pontua sobre a dificuldade de assimilação dos fatos, remetendo a uma reação tardia ou passiva nesses episódios:

Eu acho que isso acontece bastante até você ser a vítima, porque é uma coisa tão absurda que você não sabe muito bem o que fazer. No primeiro momento você não percebe, você fala: “*Ah, acho que não*”. A gente nega, a gente tenta não admitir que aquilo está acontecendo com você porque é muito absurdo. E quando realmente acontece [...] eu acho que é muito natural essa não reação. (Alan)

Hélio compartilha sobre sua trajetória até a vida adulta, relata que não se sentia tão afetado por essas questões e considera que tenha passado por uma infância “íleso”, pelo fato de sua família não trazer as dificuldades como assuntos debatidos em casa.

Já casado, Hélio foi adquirindo mais criticidade, que foi desenvolvida também na convivência com sua esposa, muito engajada com as pautas raciais em função de sua vivência cultural, tendo sido ela quem o apresentou ao Coletivo Pais Pretos Presentes. A partir desse momento, Hélio teria começado a ter mais consciência, a interpretar melhor algumas falas, comportamentos do passado e diversos questionamentos, como o de ter somente ele e mais um colega de classe negro em todo curso de graduação em composição musical, entre outros episódios que marcaram profundamente sua história. Foi a partir dessa melhor compreensão de seu “eu” enquanto homem negro, que Hélio buscou inteirar-se mais sobre o tema. Hélio considera que foi afetado pelo embranquecimento, que ele define como a necessidade de seguir um padrão para ser aceito.

Para Fernando, a mudança de perspectiva afetou inclusive sua forma de trabalho. Pertencente a uma família de classe média-alta de São Paulo, Fernando e seus irmãos sempre frequentaram ambientes onde eram os únicos negros, como a escola e o clube. Adulto, Fernando passou a trabalhar com eventos de Recursos Humanos e percebeu que pouco se discutia sobre a questão racial. Quando o assunto era trazido, geralmente eram pessoas brancas falando sobre pessoas negras, não havendo assim nenhuma representatividade. Tal fato, mudou sua trajetória e Fernando tornou-se consultor de diversidade racial para empresas, prestando assistência a organizações que pretendem aumentar a diversidade racial em seus espaços.

Por não ter tido os desafios relativos ao racismo romantizados pelos pais, Marcelo sempre se considerou crítico e consciente em relação à sua negritude. Entretanto, foi nos anos 1990, ouvindo os raps dos Racionais MC's, Thaíde, MV Bill que ele começou seu processo de real identificação. Através das letras das músicas, passou a interpretar o que era trazido por esses artistas como forma de literatura. Traçando um paralelo com Ribeiro (2018), que afirma ter sido através da leitura que conseguiu se enxergar por outras perspectivas, pode-se pensar que o consumo de arte (música e livros) pode significar um facilitador para novos processos de expansão e construção identitária.

Marcado por experiências discriminatórias fortes em sua adolescência, que ecoam até hoje, Marcelo compartilha o episódio que mudou sua vida em muitos aspectos:

Quando eu passei por um episódio de racismo, que foi o último inclusive, apitando futebol em 2014, foi um caso bem conhecido nacionalmente, foi em Bento Gonçalves, que é na Serra Gaúcha aqui de colonização italiana, onde eles são extremamente racistas [...] depois do jogo me deparei com meu veículo amassado a pontapé, as cascas de banana sobre a lataria. Quando eu fui dar partida do carro caíram duas bananas do cano de escapamento. Ali eu poderia ter voltado para fechar e ter quebrado todo vestiário que eu me sentiria na razão de ter feito aquilo, mas eu fiz exatamente o contrário, eu vim para casa redigir um texto e caminhei para imprensa. (Marcelo)

A denúncia de Marcelo atingiu sua carreira. Como árbitro conceituado nacionalmente e com chances de entrar para o cenário internacional, ele sabia que sua atitude afetaria os privilégios e benefícios conquistados, mas ele diz que não se arrepende:

Mas aquilo para mim não fez com que eu me calasse, porque a questão da paternidade pesou muito mais do que todos esses privilégios e benefícios. Paguei um preço alto? Paguei. Mas não me arrependo nem um pouco, porque ao mesmo tempo que algumas portas se fecharam, outras se abriram. E o meu propósito não era ter medo das minhas manifestações, e sim de trazer um cenário melhor para os meus filhos. Então, essa questão ela veio se fortalecer muito mais depois da paternidade. (Marcelo)

Buscando traçar uma jornada de entendimento sobre as condições de desigualdade social e racial, Gláucio sustenta o quanto para os negros a trajetória de vida é iniciada muito cedo com intensas cobranças, como a de empenho na vida escolar e profissional:

A necessidade de empenho estudantil e profissional é duas vezes mais esforçada, mais qualificada para que você possa ter uma qualidade como de uma pessoa branca. Costumo dizer que isso nos afeta desde pequenos, pelo sentido da gente achar que sempre estamos em dívida. A nossa percepção de erros ela parece ser duas vezes maior do que a de uma pessoa branca, [para quem isso] é mais tolerado. (Gláucio)

Ele pondera sobre as consequências de como essa pressão o afetou posteriormente:

E isso vai criando uma pressão psicológica ao longo do tempo, muito forte, porque você se exige demais, tolera menos os seus erros, acaba tolerando menos o das pessoas porque vive um *modus operandi*, vive um processo de condução mental, uma série pesada pra caramba. E entra tão cedo na sua vida que você não percebe que aquilo te moldou de uma forma péssima. (Gláucio)

## 4.2 Esforço emancipatório antirracista

Diante de tantas experiências traumáticas vividas ou assistidas, esses pais têm em comum o desejo de que seus filhos não sofram as mesmas experiências e não tenham suas vozes silenciadas diante dessas situações. Como Marcelo afirma:

Eu comecei a entender que o posicionamento da negritude ele tem que ser cada vez mais forte porque a gente tem que passar esse exemplo de poder, mas o poder de denúncia, de não ter medo de não se calar, algo que muitas vezes é passado pela branquitude de que o negro bom, é o negro quieto. Negativo, negro bom é um negro com posicionamento, é o negro que questiona, é o negro que se manifesta, é aquele que tem coragem de enfrentar as adversidades mesmo sabendo que vai ter que abrir mão de algumas coisas. (Marcelo)

Tendo como foco seus filhos, esses pais visam construir novas trajetórias, buscando apresentar-se como facilitadores para o entendimento das crianças sobre o racismo, e desenvolver um posicionamento de desconstrução, que é reconhecido como algo a ser feito com muita cautela para evitar que novas feridas sejam construídas nas crianças. Como explicado por Marcelo:

Óbvio que a gente tem que trabalhar de uma maneira pedagógica, educativa, porque também não pode ser tão agressivo desde pequeno. Porque a criança ela vai ficar perdida, não vai saber realmente qual a mensagem ideal que o seu pai ou seu responsável tá tentando passar. (Marcelo)

Os relatos analisados apontam para três frentes principais de atenção e investimento por parte dos pais que serão detalhadas nas seções a seguir.



#### 4.2.1 Escola

Devido a importância da escola no processo de socialização da criança, esse foi um elemento central de preocupação e atenção dos pais e é a partir da escola que se pode iniciar uma observação que inclua a questão racial nas vivências dessas famílias enquanto “consumidoras”. Por se tratar de um grupo de nível socioeconômico “confortável” os sujeitos entrevistados compartilham a vivência da escolarização dos filhos em dinâmicas mercantis, orientando-se, majoritariamente, pelo ensino em escolas privadas. Sob este aspecto, o grupo aproxima seu perfil de classe ao das elites do país, ocupando, tal como elas - e crescentemente -, a condição de “consumidores da educação”. O modo como desempenham esse papel, contudo, apresentará peculiaridades associadas à questão racial.

O processo de tomada de decisão para o investimento em educação por parte desses pais leva em consideração aspectos tais como: a questão da representatividade negra no corpo administrativo e no corpo docente dos estabelecimentos de ensino; uma abordagem da questão racial no material didático; ensino de história afro-brasileira no currículo regular; oferta de atividades artísticas e culturais que valorizem as identidades e expressões de matriz africana. Foi notório que o processo de escolha pela escola é carregado de ansiedades e grandes desafios para esses pais.

Érico e sua esposa afirmam ter buscado por uma instituição de ensino privado que propicie aproximação com a cultura negra, como por exemplo a oferta de aulas de capoeira. Marcelo menciona que, no seu tempo de escola, o ensino de história do Brasil transmitia a concepção de que os índios eram preguiçosos, e os negros, desalmados, o que justificaria terem sido escravizados. Por esse motivo, ressalta a importância de um posicionamento ativo dos pais quanto ao ensino, para que os filhos saibam refutar inverdades:

Essa desconstrução diária e essa busca por uma história real, a gente tem que fazer para fortalecer os nossos filhos até para quando eles estiverem nesses espaços escolares, eles também consigam ter a criticidade de questionar os professores quando eles abordarem esse assunto. Fazer com que essa lei 10.639 seja realmente cumprida nas escolas. A gente tem um dever como educador, educador que eu digo não de professor, mas educador de crianças, de fortalecer a nossa história, a nossa identidade com os nossos filhos. (Marcelo)

Rosa e Gláucio, assumindo uma postura ativa no processo de escolha, buscaram verificar se a escola tinha no cronograma de disciplinas algo relacionado à educação africana e indígena. Os pais, que optaram por um colégio privado com poucas crianças negras, entendem que esse movimento deve começar nas famílias:

É isso, acho que a gente tem que começar a movimentar, a gente tem que correr atrás, a gente tem que ver assim: esse conhecimento vai partir exclusivamente da gente? A gente vai ter como aliado a escola? A escola já está preparada para isso? Os grupos, os núcleos que a gente participa vão contribuir? (Rosa)

Para Ana Maria, essa tem sido uma questão um tanto delicada. O fato de sua filha estar matriculada em uma escola com representatividade não foi o suficiente, pois a criança sofreu dois ataques racistas. No momento da entrevista ela estava na busca por outras opções. Além do currículo escolar, ela tem observado nos cartazes e pinturas das escolas visitadas se há representatividade, busca saber quem são os professores, se os livros da biblioteca têm crianças negras, em suma, uma atitude bastante atenta à diversidade racial nos detalhes do cotidiano escolar. Ela reconhece a dificuldade em conciliar em um mesmo estabelecimento de ensino todos os seus anseios e expectativas:

Ok, qual que é a chave que eu devo usar? Porque infelizmente eu não vou encontrar uma que tem as duas coisas, então essa que eu fui agora já saí chocada, ela adorou. Mas eles chamam uma das funcionárias da escola de Tia Preta, aquela Tia Preta. Todas tinham um nome, aquela é Tia Eliana, aquela é tia não sei o quê, aquela é a Tia Preta. (Ana Maria)

Por fim, merece atenção o caso de Alan, que, mesmo tendo condições financeiras de pagar pelo ensino privado, decidiu matricular sua filha em uma escola pública. Ele zela pelo fato de que ela tenha contato com pessoas mais “próximas à sua realidade, inclusive no que tange à raça”. Para essa tomada de decisão foi considerado também o aprendizado na experiência de seu enteado. Em seu período escolar, o menino sentia-se inferior por não poder consumir da mesma forma que os demais amigos de classe, como alguns brinquedos e viagens internacionais. Sendo assim, prevendo que esse quadro poderia repetir, além da questão racial, Alan decidiu pelo ensino em uma escola pública.

Alan estende a questão racial nas experiências de socialização das crianças para além da escola, incluindo as relações de vizinhança e os locais de moradia. O pai percebe que o local onde a filha reside faz diferença no processo de empoderamento com relação à negritude. Ao comparar a sobrinha, que reside na cidade de São Paulo, com sua filha, que reside em Tatuí, a 120 km da cidade de São Paulo, ele afirma:

Primeiro é que ela (a sobrinha) vive muito mais entre os iguais, e a cultura, percepção, autoafirmação, ela é maior quando você se sente dentro de uma comunidade. (Alan)

Reiterando a ideia de Alan, Marcelo conta que algumas vezes sai de seu bairro, que é de classe média, para que seus filhos tenham contato com outras crianças negras:

Eventualmente a gente tem que sair desse espaço e levá-los em outros lugares, porque eles também têm que se deparar e encontrar crianças iguais a eles. (Marcelo)

#### 4.2.2 Cultura

No que tange à cultura, os pais mencionaram de que forma alguns elementos são inseridos à rotina familiar para que sejam assimilados pelas crianças nesse processo de construção da identidade, enquanto indivíduos negros.

Alan, por não morar com sua filha, no tempo em que está com ela, afirma se dedicar a criar uma identidade cultural com a negritude a partir da apresentação de cantoras negras e programas de TV com mais atores negros. A partir dos depoimentos observou-se que os pais buscam estender a inclusão da realidade negra nas mais diversas atividades das crianças. Érico, que reside em Porto Alegre, conta que na semana Farroupilha, que celebra a Guerra dos Farrapos, é costume que as crianças se vistam tradicionalmente com bombacha, lenço e chapéu. Entretanto, ele e sua esposa, optam por vestir seu filho de lanceiro negro. Localizando o negro na história, eles explicam, quando perguntados sobre a fantasia do filho:

Ele está de lanceiro negro, aquele que nos representou, aquele movimento que nos representou durante a guerra, mas que foi traído pelos seus donos. (Érico)

Na família de Gláucio e Rosa, a dinâmica foi alterada a partir da internalização e vivência da negritude por parte Gláucio. A partir da leitura do livro “Escravidão”, de Laurentino Gomes e de um teste de ancestralidade de DNA, que ganhou de presente de sua esposa, Gláucio viveu uma virada. O resultado de 84% de ancestralidade africana, 14% europeia, 2% do oriente médio e 2% de tupis guaranis, deu a ele propriedade e segurança quanto a sua descendência. A partir de então, teve como iniciativa a criação de um perfil no *Instagram* chamado @omowale\_br, que ele explica:

*Omowale é uma palavra, um nome em Urumbar, na Nigéria. A maior parte da minha origem é Nigeriana, de origem Urumbana. E aí a minha irmã me indicou um portal de perfil de turismo da Nigéria chamado Did you know? e eu comecei a ver e fiz contato com eles por direct. Eu disse que queria ir um dia na Nigéria porque tinha feito o exame de DNA, e eles falaram que quando eu fosse pra lá, eles me ensinariam o Omowale e eu perguntei: “O que é o Omowale?” Eles falaram: “É um nome de origem Urumbar, que significa criança volta para casa”. Eu nasci de novo, nasci um novo homem, foi uma história emocionante, eu chorei pra caramba, eu falei “Aqui ó, estão falando que sou Omowele”. Vai ser esse nome, tem que ser esse nome, não tem como. (Gláucio)*

A partir disso Gláucio iniciou uma série de estudos sobre a cultura africana, mudando sua pós-graduação de Marketing para a de História e Cultura afro-brasileira, realizando ainda outros cursos. Todos esses recursos teriam mudado a visão de sua esposa Rosa, que é branca, e até mesmo o entendimento dela sobre racismo junto aos seus familiares. Eles intencionalmente facilitam a descoberta social de seu filho como criança negra, aproximando a criança de livros com personalidades negras e roupas tradicionalmente africanas:

*Então a gente vai inserindo alguns exemplos da negritude, porque a gente sabe que o branco ele já vai ter, está posto, não tem jeito. Então a gente insere outros para ele se sentir representado. Porque no momento que ele criar mais condições, que ele criar um diálogo mais racional e emocional que é uma coisa diferente da outra, que eles se dividem, a gente vai conversar com ele. E essa dor talvez não seja tão forte, ele vai lembrar que já viu desenhos: “tenho bonecos, que tem o boneco da pantera negra aqui, papai fez comigo Wakanda”. (Gláucio)*

Os efeitos dessa mudança em Gláucio, têm transbordado em toda família, como Rosa relata ao tratar o intenso “consumo de conteúdo” da temática negra no seio familiar:

Mas eu acho que esse ritmo que a gente vem adotando, essa dinâmica que a gente vem adotando, de conversas e estudos, eu tenho considerado a gente nesses últimos meses aprendizes assim, ávidos. O Gláucio nem se fala, o Gláucio está consumindo até pelos poros conteúdo, e eu ali do lado acabo consumindo também, não estou tão dedicada como ele, mas é algo que não tem mais como fugir. Já está plantado na nossa casa isso daí e a gente vai cultivar essa nova dinâmica, e vamos fazer com que isso comece a chegar no Marcos [o filho], de uma forma natural. (Gláucio)

Diversos itens de consumo aparecem nas falas, como roupas, música, acessórios para o cabelo, elementos de decoração e outros símbolos que também aparecem nas mídias sociais. Entretanto, como aparece nomeado na própria fala de Rosa como “consumo de conteúdo”, nota-se uma avidez, comum a todos os pais, por conhecimento. Cursos, conteúdos nas plataformas digitais, literatura infantil e adulta, entre outras fontes que possibilitem uma visão ampliada da história e do papel social dos negros, são “consumidos” como apoio para construir uma estrutura sólida para novos hábitos e posturas frente aos desafios.

As formas de abordar o racismo com as crianças mereceram atenção durante a fala dos entrevistados. Ana Maria pontua sobre a abordagem do racismo ainda na infância, uma vez que sua maior preocupação reside na constituição da subjetividade da criança:

A gente tem livros de personagens negros, enfim. Mas eu não tenho livro só assim. Uma das questões com os livros de literatura com personagens negros, é que muitos deles esquematizam o racismo e eu ainda não conversei diretamente, não dei nome, Lógico ela já ouviu várias vezes, né? Porque eu também trabalho com isso, então ela já ouviu, mas eu nunca falei isso diretamente com ela. Então, eu prefiro priorizar, vou até fazer uma compra agora, tô pesquisando bastante livros de literatura que contém personagens negros, mas que o assunto ali seja a constituição da subjetividade, porque uma das minhas preocupações é essa, né? Como é constituída a subjetividade da criança negra se sempre ela lê coisas divertidas, livros divertidos de poesia, mas que estão representadas as crianças brancas? (Ana Maria)

Sendo assim, observou-se na fala dos pais a intencionalidade de desconstruir a ideia de inferiorização e silenciamento, por meio da exaltação da beleza do negro, principalmente no que tange à cor de pele e textura de cabelo, e o incentivo ao desenvolvimento das capacidades das crianças.

Observa-se por parte dos pais uma luta ativa contra o pensamento estigmatizado, em relação à identidade da criança negra. Os estigmas são definidos por Tella (2008):

Os estigmas são construções sociais, que se originam de atitudes carregadas de pré-conceitos de pessoas que se consideram pertencentes a um grupo superior sobre o outro, que o considera membro de outro grupo. A partir desse cenário, podem desenvolver relações xenófobas e racistas, na qual serão destacados elementos que diferenciam os grupos, reafirmando estereótipos, padronizando conceitos sobre um grupo, alimentando e/ou intensificando comportamentos discriminatórios. (TELLA, 2008, p.155)

Principalmente no Brasil, onde os “negros carregam uma identidade social estigmatizada em seu corpo” (LAMONT; MONÁR, 2001, p. 37), os pais enfaticamente trabalham a valorização das características físicas e estéticas das crianças.

Roberto compartilha como a questão do tom pele é tratada, uma vez que seu filho é fruto de uma relação interracial:

[...] mas ele sempre falava que queria ser mais clarinho como a mãe, e eu perguntava: “*Por que?*” E ele dizia: “*Porque todo mundo é assim*”, eu falava que não, que não é assim “porque você é bonito, você é diferente”. (Roberto)

A necessidade de assumir uma postura, visa também preparar as crianças para situações vindouras, como é no caso da família de Hélio:

Então aqui em casa tem muito essa postura sim, inclusive já passando para o meu filho que também é um negro de pele clara, muito mais clara que eu. Então eu estou adquirindo essa consciência nisso também. A gente também vem trazendo algumas coisas, para que ele possa aos poucos [...] algumas coisas que ele vai passar por ter um pai de pele muito mais escura que a dele, por exemplo, né? Algumas piadinhas que já ouço e provavelmente ele vai ouvir também, sobre eu ser realmente o pai dele. (Hélio)

Trabalhando a autoconfiança das crianças, os pais buscam reforçar a beleza delas e suas capacidades, como Roberto conta:

Eu explico para ele todos os dias que ele é uma criança inteligente, que ele é capaz e que ele não deve nada para ninguém, e que ele ser negro só mostra para ele que ele não é diferente, que ele é igual os outros, mas que é muito capaz de desenvolver um trabalho grandioso. (Roberto)

Principalmente para as meninas, a questão do cabelo aparece em evidência, como Fernando relata:

A minha esposa passou por transição capilar e mostrou para ela [filha] que o cabelo dela era bonito também. Quando minha filha nasceu, a minha esposa ainda tratava o cabelo com química. Então a minha filha não tinha visto o cabelo dela igual ao cabelo da mãe. Ela descobriu que o cabelo dela era igual ao da mãe, agora recentemente. Então é uma coisa muito mais presente. Até se preocupando, como ela, principalmente a Heloísa que tem essa questão de ser mulher, tem a questão da vaidade, tem a questão da autoestima, como ela vai lidar com isso desde cedo.

Nesse sentido, a busca por referências aparece como muito importante para uma projeção de identidade por parte da criança. Como estratégia, Alan apresentou à filha um universo musical e televisivo com protagonistas negros como um recurso no direcionamento do processo de construção de identidade da criança.

Marcelo conta que o filme Pantera Negra, protagonizado por um herói negro, causou grande impacto em seu filho em termos de identificação com o personagem. Dessa forma, ele buscar trazer mais referências positivas, como a figura do jogador americano LeBron James, destacando a beleza no estilo negro, usando bandana, tranças, etc:

Eu tento sempre fortalecer essa questão de identificação, que aquilo que está sendo passado é bonito, que é bonito. E aquilo ali vai ser a essência dele. Ele não tem que embranquecer para ser aceito. Ele pode manter a negritude dele e ser ele mesmo sem tentar agradar os demais, sem tentar agradar um espaço, para ser tolerado. (Marcelo)

Marcado pela impossibilidade de assumir sua própria negritude usando o cabelo grande, pois aprendeu socialmente que homens negros de cabelo grande são associados à imagem de sujeira ou desleixo, Marcelo trata a questão através da conscientização de seus filhos, que mesmo sendo pequenos (5 e 7 anos), são incentivados a ter uma autoestima elevada e a não terem medo de ocupar certos espaços:

Eu trato essa questão com eles desde cedo, questão da autoestima, da questão da negritude, de dizer: sou preto, meu pai é preto, minha mãe é preta. De não ter o medo, receio e deles se enxergarem desde cedo sendo negros, que o nariz deles realmente

vai ser diferente, que a boca é diferente, a cor é diferente, o cabelo é diferente, mas com todas as diferenças eles devem ser respeitados por todos. (Marcelo)

Pais e filhos têm usado a sua própria história para produzir narrativas que servirão para incentivar outras famílias. Nesse sentido, recuperam suas vozes, antes silenciadas e permitem novas histórias, contadas por suas próprias perspectivas, como é o caso de Roberto e seu filho:

Eu tenho uma editora, e acabamos produzimos um livro eu e ele, nós nos sentamos, conversamos, e começamos a escrever um livro, e já conta um pouco da história dele, o livro, e já vai publicar ano que vem, o porquê ele é bonito, tivemos que trabalhar com ele essa questão né? (Roberto)

O processo de desconstrução de padrões eurocentrados foram iniciados bem cedo na socialização da filha de Elisa. Com dois anos de idade, sua filha ainda não demonstra preferência por desenhos com crianças negras, mas através do esforço da mãe, ela já está acostumada a ver os diferentes:

Eu peguei alguns desenhos, imprimi alguns desenhos de crianças negras, coleí na parede dela para ela se identificar, então A Princesa e o Sapo, A Mônica Negra, sabe? Eu coleí na parede onde ela brinca e ela vai vendo, vai falando, eu chamo ela de pretinha, “Oh, minha pretinha, a Mônica neguinha”. E já fala, né? Ela já fala isso:” *eu sou a pretinha da mãe*”, então vai se tornando uma coisa natural. (Elisa)

Elisa, assim como outros pais entrevistados, acredita que aquilo que os filhos veem os pais consumindo é o que concretiza a ideia da criança sobre aquilo que é importante para a família pela perspectiva dos pais, e por isso muitas vezes os pais investem altos valores para adquirir um produto que simbolize essa importância:

A gente vai trazendo para ela, que é o que tem valor, se você vai trazendo isso pra dentro da sua casa, é porque isso tem valor, o que você considera bom, bom para ela. (Elisa)



Essa nova forma de pensar tem se materializado em novas dinâmicas nas famílias, o que propicia a reflexão sobre os conceitos construídos até então. Para Fernando, tão importante quanto a representatividade é fazer com que esse discurso chegue também a outras crianças. Para ele, se os pais querem criar crianças antirracistas, o livro infantil, por exemplo, não pode ser comprado apenas para as crianças negras e seria primordial que as crianças brancas vissem também o protagonismo do personagem negro, alterando os imaginários habituais.

#### 4.2.3 Negritude e Construção de Mercados

Como visto, buscando facilitar a compreensão dos filhos, elementos lúdicos compõem a narrativa da atitude emancipatória empreendida pelos pais em nome da representatividade, elevação da autoestima e empoderamento. Os bens de consumo devem ser situados nesse âmbito. Apesar de reconhecerem uma oferta maior de produtos que representem a população negra ou que se voltem para ela, em comparação com décadas passadas, essa oferta ainda não é acessível a muitos, como pontuado por Érico:

Eu acho que tem sim uma oferta de produtos, mas ainda é baixa, em comparação a brinquedos que já tem. Às vezes tem o custo mais alto, às vezes parece que é uma coisa que a gente não tem que ter acesso mesmo, uma coisa muito específica, muito especial, só porque ela é negra, ela tem que custar um valor mais, né? (Érico)

Os pais entrevistados pontuaram sobre o valor praticado para as bonecas e bonecos negros, que muitas vezes custam o triplo do valor de uma boneca branca e loira, revelando o paradoxo de se ter nas prateleiras produtos caros e raros para crianças negras, quando 56% da população do Brasil é negra.

Segundo Lamont e Monár (2001) os negros gastam desproporcionalmente mais em itens que reflitam uma posição igualdade na sociedade. Além da questão relacionada ao valor, outro ponto é a oferta de produtos. Mesmo para os pais que possuem condições, encontrar esses itens às vezes requer um grande esforço, uma busca que resulta em decepção, como Ana Maria relata:

Porque eu uma vez, eu estava em viagem em São Paulo a trabalho, estava pertinho ali da Paulista, eu entrei na *Ri Happy* da paulista que é uma loja enorme e não tinha bonecas negras. Então é muito assustador assim, porque assim, eu mandei uma mensagem que até importante para as crianças brancas, verem crianças negras ali, senão elas crescem achando só elas são crianças, né? Eu acho que a nossa identidade como branco se achando a universal, já vem daí, né? De você entrar numa loja de brinquedo e não ver ali, outras cores, outras formas, né? (Ana Maria)

Para Fernando, ao comparar com os itens disponíveis na sua infância na década de 1990, ao que hoje seus filhos consomem, como desenhos, roupas e brinquedos, ele afirma que há um grande avanço. Porém se a comparação for em relação ao que as crianças não negras se veem representadas, Fernando considera que ainda há um longo caminho a ser percorrido. Utilizando como exemplo a sequência de filmes da Marvel, ele explica:

Por exemplo Super-heroína. Hoje a gente vê o filme da Marvel, tem os vingadores que apareceram com sessenta heróis e tinha só o Pantera Negra e a outra personagem de negros. Eu estou usando os super-heróis como exemplo, princesa negra só tem uma princesa, no universo de dezenas de princesas da Disney. Se o parâmetro for de quando eu era criança avançou muito, mas se o parâmetro for do que as outras crianças [não negras] de hoje em dia encontram, ainda está muito mais baixo. (Fernando)

Uma outra forma de compor os hábitos e preferência das famílias tem sido o apoio aos empreendedores negros. Érico, como integrante de um grupo de empreendedores negros, considera que fortalecer os negócios da comunidade é importante, pois a própria organização com esse propósito em si, já é uma estratégia, como ele detalha:

Organização em si já é uma estratégia, e não digo de sobrevivência, eu digo de vivência, a gente tem que parar de sobreviver para viver, para ter o mínimo de qualidade mesmo. (Érico)

Hélio compartilha da mesma ideia e busca adquirir produtos e serviços de pequenos empreendedores negros, movimentando assim o *Black Money*:

Se eu preciso de algum serviço, eu costumo a procurar lá no grupo, nos coletivos que a gente tem se tem alguém que faça, né? O tipo de serviço, que é uma forma de a gente estar se ajudando também. (Hélio)

Incomodada com a tímida oferta de produtos, Elisa decidiu que participaria do processo de maneira ativa, agora como empreendedora:

Eu comprei alguns livrinhos de pano para ela, e eu pensei que se tivesse uma criança negra iria ser ótimo, e aí fiquei fermentando essa ideia e tal, e eu estou tentando tirar isso do papel agora. Ela está com quase três anos, então eu estou desenvolvendo alguns produtos. Tem um *design* trabalhando comigo. O ilustrador tá fazendo alguns desenhos de crianças negras super bonitinhos, aí eu fiz alguns produtos e estou testando agora, né? Estou testando, e o meu planejamento é que até o ano que vem eu consiga colocar aí na internet, para os outros pais verem e vê se assim, de fato, isso as pessoas estão procurando isso como eu procuro, sabe? Porque se ninguém procurar, vai ser tudo para ela mesmo. Eu acredito mesmo que exista uma falta enorme de dessas coisas no mercado e que a gente precisa, porque por exemplo, fui pesquisar e falei: Será que alguém está produzindo isso para poder ver como é que é, né? Até os meus futuros concorrentes, onde é que estão? E eu não achei, para te falar a verdade, eu não achei.” (Elisa)

Observa-se assim, que a necessidade latente por espaço no mercado que atenda ao consumidor negro, em práticas alinhadas ao propósito de construção de uma identidade com a negritude, tem aberto novos caminhos, onde os próprios pais protagonizam essas construções e criam redes mercantis e de apoio por meio do consumo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novas dinâmicas sociais ampliam a oportunidade para que a construção do processo de conceituação dos fenômenos seja revisitada. A abordagem clássica da noção de socialização, que tem a família e escola como principais espaços socialização do indivíduo, justificam a escolha dos pais de crianças negras como sujeitos para essa pesquisa. Ratificando a importância da escola no processo de socialização, a análise dos dados evidencia que a escola é um elemento de grande preocupação para esses pais que assumiram uma postura de socialização antirracista.

A partir dos relatos dos pais de crianças negras, assim como, as narrativas dos intelectuais negros aqui apresentadas, observa-se que o processo de socialização do consumidor definido por Scott Ward (1974) não acontece de forma linear para todos os indivíduos. A lacuna identitária causada pela falta de representatividade negra no mercado produziu nos pais uma nova postura quanto às práticas de consumo, desconstruindo o padrão de invisibilidade do negro e incorporando novos elementos que traduzam o pensamento emancipatório, assim como, comportamentos de consumo que protagonizem o negro enquanto indivíduo nas esferas sociais, econômicas e históricas.

Alvo de preocupação dos pais, o processo de construção da identidade das crianças passa pelo reconhecimento enquanto indivíduo negro, independente do tom de sua pele; pela valorização de seus traços e o incentivo ao desenvolvimento de suas capacidades. Nesse sentido cabe acrescentar que a intencionalidade desses pais como agentes socializadores está ligada à disseminação do pensamento emancipatório em seus filhos facilitado por práticas de consumo, e não em um processo de ensino e aprendizagem para que se tornem consumidores. Como pais, eles objetivam que seus filhos tenham elementos concretos para o desenvolvimento do pensamento crítico, empoderamento, autoaceitação, segurança emocional e física.

A partir das análises feitas evidencia-se que para os pais de crianças negras no processo de uma socialização antirracista, o consumo, em si, assume sentido emancipatório. O processo da escolha de fornecedores, produtos e serviços atua como uma expressão tangível na retomada das historicamente vozes silenciadas nos âmbitos sociais, existenciais e políticos. É por meio da escolha de empreendedores negros, que eles expressam incentivo ao desenvolvimento econômico negro; através da escolha de filmes, desenhos e livros com personagens negros, que eles buscam trazer à tona a representatividade negra, demonstrando que podem ser referência de beleza, intelecto e protagonismo em qualquer espaço; através da escolha de escolas sensíveis

a temática social, buscam garantir que seus filhos terão argumentos para refutar paradigmas construídos em cima do pensamento estigmatizado.

Em termos teóricos, uma contribuição deste estudo reside em incorporar a dimensão racial ao debate de consumo atentando para a impossibilidade de se tratar mercados ou consumo como instâncias separadas ou desvinculadas da sociedade. O caso aponta que não se pode discutir o consumo de bens e serviços, e nem mesmo a condição de consumidor, ou de “agentes socializadores do consumo” sem uma contextualização do ativismo emancipatório antirracista desses indivíduos na criação dos filhos.

A participação relevante de homens nessa pesquisa aponta para a interatividade de estruturas sociais como, gênero, raça e classe para o favorecimento de experiências, trazendo ao debate a pertinência da noção de interseccionalidade (GOPALDAS, 2013). Os pais, sobretudo os homens, a partir de eventos marcantes envolvendo situações de risco e ameaça a sua integridade física e moral tiveram o anseio por uma mudança prática, e por meio de uma socialização holística, incorporam escolhas, estratégias e práticas de consumo para tornar seus filhos agentes de mudança no mundo.

A classe social a que pertencem também afetou diretamente a percepção de pertencimento a certos espaços, como a escola particular. Esses pais buscam hoje, assegurar que esses ambientes possam ser frequentados por seus filhos como forma de enfrentamento das fronteiras de discriminação. Dessa forma, considera-se que pelas lentes da interseccionalidade (CRENSHAW, 1991) os estudos de consumo podem alcançar em profundidade consumidores e aspectos de consumo antes invisíveis (GOPALDAS, 2013).

Esta pesquisa abre oportunidades para que novos estudos sejam desenvolvidos na área de consumo. A inclusão da perspectiva dos intelectuais negros na discussão sobre a socialização visa trazer visibilidade a histórias não contadas sobre fenômenos existentes. Uma sugestão seria o aprofundamento nos estudos sobre o empreendedorismo negro como forma de emancipação, com a compreensão de como o chamado *Black Money* circula em contextos singulares. De forma prática, a pesquisa sensibiliza os atores envolvidos nas relações mercantis para a importância de uma visão abrangente e inclusiva nas relações de consumo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. Feminismos Plurais. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020, 264 p.
- ARNOULD, E. J; THOMPSON, J. C. Consumer Culture Theory (CCT): Twenty-Years of Research. **Journal of Consumer Research**, v. 31, n.4, p. 868-882, mar. 2005.
- ATLAS DA VIOLÊNCIA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>- Acesso em: 06 de março de 2021.
- BAUDRILLAR, J. **A sociedade de Consumo**. 2ª ed. Edições 70, 2009, 272 p.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008. 200 p.
- BAUMRIND, D. New Directions in Socialization Research. **American Psychologist**. v. 35, p. 639-625, jul. 1980.
- BELK, R. W. Possessions and the Extended Self. **Journal of Consumer Research**. v.15, p. 139-168, set., 1988
- BENNET, L, A; WOLIN, S. MCAVITY, J, K. Family Identity, Ritual and Myth: A Cultural Perspective on Life Cycle Transitions. **The Gilford Press**, p. 211-234, 1988.
- BERGER, R. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 27 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.
- CARDOSO, C. P. Experiência de Mulheres Negras e o Feminismo no Brasil. **Revista da ABPN**, v. 10, n. 25, p. 317-328, 2018.
- CARLSON, L.; GROSSBART, S. Parental Style and Consumer Socialization of Children. **Journal of Consumer Research**. v.15, p. 77-94, jun., 1988.
- CASOTTI, L. M; SUAREZ; M. C. Dez anos de Consumer Culture Theory: delimitações e aberturas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 3, p. 353-359, mai./jun., 2016.
- CAVALLEIRO, E. S. O Processo de Socialização na Educação infantil: A Construção do Silêncio e da Submissão. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, p. 33-45, 1999.
- COSTA, J. B; GROSFOGUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*. v. 31, n.1, p. 15-24, jan./abr., 2016.
- CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review**. V. 43., p. 1241-1299, 1991.
- CRESWEL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007, 248 p.

CURASI, C. F.; PRICE, L. L., ARNOULD, E. J. How Individuals' Cherished Possessions Become Families' Inalienable Wealth. **Journal of Consumer Research**. v. 31, p. 609-622, dez. 2004.

DURKHEIN, E. **Educação e Sociologia**. Coleção Textos Fundantes da Educação. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011, 120 p.

EKSTRÖM, K. M. Consumer Socialization Revisited. In: BELK, R. W. (Ed.). **Research in Consumer Behavior**. Bingley: Emerald Group Publishing. v. 10. p. 71-98, 2006.

EPP, A. M; PRICE L. L. Family Identity: A Framework of Identity Interplay in Consumption Practices. **Journal of Consumer Research**, v. 35, p. 50-70, jun., 2008.

FLICK, U. **Introdução à metodologia: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013, 256 p.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. V. 35, n.3, p 20-29, mai./jun., 1995.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Editora Filhos da África, 2018, 486 p.

GOPALDAS, A. Intersecctionaly 101. **Journal of Public Policy and Marketing**, v. 32, p. 90-94, 2013.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global". **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

HAIR J.; JOSEPH, F; BABIN, B.; MONEY, A.H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, p. 7-41, 2009.

hooks, B. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2013, 283p.

HOTA, M; BARSTCH, F. Consumer socialization in childhood and adolescence: Impact of psychological development and family structure. **Journal of Business Research**, v.105, p.11-20, jul., 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais dos domicílios e dos moradores: 2019**. Rio de Janeiro, 2020. 8 p. Disponível em:<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecatalogo?view=detalhes&id=2101707>> Acesso em 14 de fevereiro de 2021.

JOHN, D. R. (1999). Consumer Socialization of Children: A Retrospective Look at Twenty-Five Years of Research. **Journal of Consumer Research**. v.26, p. 183-213, dez., 1999.

KLEINE, S. S.; KLEINE, R. E.; ALLEN, C. T. How Is a Possession “Me” or “Not Me”? Characterizing Types and an Antecedent of Material Possession Attachment. **Journal of Consumer Research**, v.22, p. 327- 43, dez., 1995.

LAMONT, M.; MONÁR, V. How black uses consumption to shape their collective identity. **Journal of Consumer Culture**. v.1 (1), p.31- 45, 2001.

LOCOMOTIVA INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA. **Qual é o impacto do Racismo?** São Paulo, 2017. Disponível em:< <https://www.ilocomotiva.com.br/estudos>> Acesso em 02 de março de 2021.

MOREIRA, C.S.C; CASOTTI, L.M; CAMPOS, R.D. Socialização do Consumidor na vida adulta: desafios e caminhos para a pesquisa. **Cadernos EBAPE**. v. 16, n. 1, Rio de Janeiro, p.119-134, jan./mar., 2018.

MOSCHIS, G. P. The Role of Family Communication in Consumer Socialization of Children and Adolescents. **Journal of Consumer Research**. v.11, p.898-913, mar., 1985.

\_\_\_\_\_. Life Course perspectives on consumer behavior. **Journal of the Academy of Marketing Science**. v. 35, p. 295-307, 2007.

MOSCHIS, G. P.; MOORE, L. R. Family Communication and Consumer Socialization. **Association for Consumer Research**. v.6, p. 359-363, 1979.

NOORANI, Y. Learning to unlearn: decolonial reflections from Eurasia and the Americas By Madina Vladimirovna Tlostanova and Walter Mignolo. **Journal of Global History**. Columbus, OH. v.9, n.01, p. 168-169. feb., 2014.

PAIS PRETOS PRESENTES. Rio de Janeiro, 17 jan. 2021. **Instagram: @paispretos**. Disponível em: <https://www.instagram.com/paispretos/?hl=pt-br>. Acesso em 17 jan. 2021

PAULINO, Silvia. C; PAULINO, Simone. C. Traçando Identidades: O cabelo da mulher negra em esse cabelo de Djamília Pereira de Almeida e Americanah de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 3, p. 215- 231, 2019.

PEREIRA; J. B. B. A criança negra: identidade étnica e socialização. **Cadernos de Pesquisa**, n.63, p. 41- 45, 1987.

REIS, M.; ANDRADE, M. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**. N. 202, p 1-11, mar., 2018.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 120 p.

RICHINS, M. L. Special Possessions and the Expression of Material Values. **Journal of Consumer Research**. v.21, p. 522-533, dez., 1994.



ROCHA, A. R. C.; CASOTTI, L.M. Reflexões sobre o consumidor negro brasileiro. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. Rio de Janeiro, v. 11, n.2, p. 47-62, abr./jun., 2017.

\_\_\_\_\_. Selective and “ Veiled” demarketing from the perspective of black female consumers. **Revista Organizações & Sociedade**. v. 25, n. 87, p. 610-631, out./dez., 2018.

ROCHA, A. R.; SCHOTT, C; CASOTTI, L. M. Socialization of the Black Female Consumer: Power and Discourses in Hair-Related Consumption. **Advances in Consumer Research**. v.44, p. 333-337, 2016.

SLATER, D. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SETTON, M. G. J. Teorias da Socialização: em estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v. 37, n. 4, p. 711-724, dez. 2011.

\_\_\_\_\_. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social, revista de sociologia da USP**. v.17, n.2, p. 335-350, nov. 2005.

STACK, C. B. **All our kin: Strategies for Survival in a Black Community**. Nova Iorque: Basic Books, 1975. 175 p.

TEXTO PARA DISCUSSÃO. Ação afirmativa e População Negra na Educação Superior: Acesso e Perfil Discente. Brasília: **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. 2020.

Disponível

em:<[ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=35893](http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35893)>. Acesso em: 06 de março de 2021.

TELLA, M. A. P. **Reação ao estigma: o rap em São Paulo**. Revista Enfoques, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2006.

\_\_\_\_\_. Estigma e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa. **Ponto e Vírgula**. v.3, p. 152-168, 2008.

TLOSTANOVA, M. V.; MIGNOLO, W. **Learning to Unlearn: Decolonial Reflections from Eurasia and the Americas (Transoceanic Series)**. Ohio State University Press, 2012. 304 p.

VERA, L. A. R; GOSLING, M. S.; SHIGAKI, H. B. Teoria da Cultura do Consumo: possibilidades, limitações e caminhos em estudos de marketing no Brasil. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, v. 18, n. 1, p. 15-32, jan./abr., 2019.

WALLENDORF, M; ARNOULD, E. J. My Favorite Things: A Cross-Cultural Inquiry into Object Attachment, Possessiveness, and Social Linkage. **Journal of Consumer Research**. v. 14, p.531–547, mar., 1988.

WARD, S. Consumer Socialization. **Journal of Consumer Research**. v. 1, n. 2, p. 1-14, set., 1974.

### **APÊNDICE A – Roteiro para entrevista**

1. Você poderia, por favor, se apresentar? Peço que diga seu nome, idade, profissão, cidade, sua autodeclaração de raça e sua composição familiar, informando a idade de seu (s) filhos (s). Por favor, também informe seu local de nascimento, cidade em que reside, estado civil, religião, profissão e ocupação.
2. Gostaria que falasse sobre seu engajamento em relação às questões raciais negras. Participa de algum movimento?
3. Como é a composição racial da sua família de origem? Como a questão de raça era tratada na sua família de origem?
4. E hoje, como a questão de raça é tratada na sua família?
5. Você acredita que seu filho se reconhece como uma criança negra? Ele sabe o que isso significa?
6. Seu filho já trouxe, voluntariamente, alguma questão dele relacionada à raça negra?
7. Como pai/mãe, como você recebeu essa experiência?
8. Na criação de seus filhos, como é trabalhada a questão da identidade deles quanto à raça? De que maneira ela se manifesta?
9. Que situações fizeram você, como pai/mãe, refletir sobre seu papel na condução da afirmação e reconhecimento da identidade racial de seu filho?
10. Poderia citar alguns exemplos de práticas suas que fazem parte desse processo de ensino ao seu filho no que tange à identificação de sua raça?
11. Como pai/mãe, como você enxerga a oferta de produtos infantis relacionados com a questão racial?

12. E de modo amplo, como você acha que o engajamento na questão da valorização da identidade negra se relaciona com as escolhas de produtos e serviços consumidos na sua família?
13. Como você observa isso em outras famílias?
14. Como você seu filho manifesta a adesão/incorporação desses valores e práticas (de valorização racial)?
15. Como pai/mãe como você entende o papel que desempenha na criação do seu filho, considerando a questão racial?
16. Gostaria de compartilhar mais alguma experiência?